PAULA LEAL MARTINS DE MADRE DEUS

A Violência sobre os Idosos
(Os maus tratos aos Idosos na ilha de São Tomé)

Orientadora: Profª Doutora Hélia Augusta de Magalhães Correia Bracons Carneiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2021

PAULA LEAL MARTINS DE MADRE DEUS

A Violência sobre os Idosos
(Os maus tratos aos Idosos na ilha de São Tomé)

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais, no Curso de Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 20/12/2021, perante o júri, com o Despacho Reitoral nº 312/2021, de 15 de Novembro de 2021, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Fátima Gameiro

Arguente: Professor Doutor José Lino

Orientadora: Professora Doutora Hélia Bracons Carneiro

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2021

Dedicatória

Ao meu Marido e ao meu Filho.

Pelo apoio incondicional que me ofereceram!

Vocês foram o meu suporte para conseguir ultrapassar todos os obstáculos!

Às minhas saudosas "mães", Ivete e Filipina, que tanto precisavam de atenção e eu não pude lá estar!

Agradecimentos

Ao finalizar esta Dissertação, não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, de alguma forma deram o seu contributo para que a apresentação deste trabalho se tornasse uma realidade.

Agradeço a Deus por me ter ajudado a ultrapassar todas as dificuldades encontradas pelo caminho. Apesar dos muitos obstáculos encontrados no percurso, Ele transmitiu-me sempre toda a sua força para que os conseguisse ultrapassar.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Hélia Bracons, pelo tanto que aprendi, pela sua transmissão de saberes, que me acompanharão para sempre! Ao acreditar no meu trabalho, deu-me a liberdade necessária, levou-me a maiores reflexões e desta forma a um enriquecimento de conhecimentos. Por isso a minha especial admiração e gratidão!

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Fátima Gameiro, coordenadora do Mestrado, por todo o apoio, pela confiança, pela paciência! Pelo grande incentivo que sempre me transmitiu, levando-me a nunca desistir, ajudando-me a ultrapassar todos os obstáculos, sempre com um sorriso, o que fez toda a diferença!

A todos os meus familiares e amigos que acompanharam o meu percurso e me incentivaram a nunca desistir! Muito obrigada a todos!

Às Instituições que aceitaram a aplicação das entrevistas que são parte integrante deste estudo, e que fizeram com que a minha ida a São Tomé e Príncipe fosse possível. O meu eterno agradecimento!

Um agradecimento muito especial ao Senhor Bispo de São Tomé e Príncipe, D. Manuel António dos Santos e também à Diretora da Santa Casa da Misericórdia, Aida Beirão, e ainda à Irmã Lúcia do Projeto Lembá. Pela eficiência, eficácia, dedicação e simpatia. O meu agradecimento pela disponibilidade e pelo bom acolhimento e por me fazerem sentir como se estivesse em casa!

Não posso terminar sem um agradecimento a todos os Idosos e Idosas que entrevistei, e que de forma tão espontânea e amável contribuíram para que eu conseguisse chegar a bom porto com este estudo.

Muito e muito obrigada a Todos!

Resumo

A presente dissertação tem como tema a violência exercida sobre as pessoas idosas, focando os maus tratos que lhes são infligidos, muitas vezes no seio da sua própria família. A parte prática deste trabalho debruça-se sobre a realidade desta temática vivida na ilha de São Tomé, onde os maus tratos aos idosos são uma constante, e partiu do estudo realizado pela mestranda, que se ali se deslocou e onde permaneceu cerca de um mês.

A pergunta de partida que serviu de fio condutor ao longo de todo o processo de investigação foi a seguinte: Q*uais as principais causas que concorrem para a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé?*

Os objetivos foram definidos tendo em conta a pretensão de aprofundar o conhecimento existente sobre os maus tratos infligidos aos idosos, bem como o seu abandono pelas próprias famílias, naquela ilha.

Assim, tentou-se caraterizar o fenómeno dos Maus Tratos aos Idosos na ilha de São Tomé, bem como o perfil das famílias e dos idosos que são maltratados e abandonados. Tentou-se igualmente compreender até que ponto existe uma relação entre idosos maltratados e determinadas crenças socioculturais que levam os familiares dos mais velhos a infligirem-lhes maus tratos.

Para tal, optou-se por uma metodologia qualitativa, tendo-se desenvolvido um estudo de caso, onde se utilizaram técnicas de pesquisa documental e bibliográfica, e de observação (direta e participante). Recorreu-se igualmente à aplicação de entrevistas semiestruturadas a uma amostra de 8 idosos institucionalizados.

Para complementar foram também entrevistadas 4 Técnicas de várias instituições sociais e foi ainda aplicada uma entrevista ao Bispo de São Tomé. Depois da realização das entrevistas procedeu-se à análise e interpretação de dados, apresentando-se no final os respetivos resultados, onde podemos concluir que as diversas fontes de evidência indicam a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé e que os mesmos são derivados da situação de extrema pobreza em que estas pessoas vivem, sendo também possível perceber que o aumento do número de idosos pobres os torna mais vulneráveis ao abandono e à solidão.

Palavras-chave: Idosos; Famílias; Maus tratos; Abandono.

Abstract

The present master thesis has as its main theme the violence exerted on the elderly, focusing on the ill-treatment that is inflicted on them, often within their own family. The practical part of this work focuses on the reality of this situation lived on the island of São Tomé, where the mistreatment of the elderly is a constant, and started from the study carried out by the master's student, who went there and remained in the country around one month.

The starting question that served as a guiding thread throughout the investigation process was the following: What are the main causes that contribute to the existence of mistreatment of the elderly on the island of São Tomé?

The objectives were defined taking into account the intention to deepen the existing knowledge about the mistreatment inflicted on the elderly, as well as their abandonment by the families themselves, on that island.

Thus, an attempt was made to characterize the phenomenon of elderly abuse on the island of São Tomé, as well as the profile of families and the elderly who are mistreated and abandoned. We also tried to understand the extent to which there is a relationship between mistreated elderly and certain sociocultural beliefs that lead family members of the elderly to inflict abuse on them.

A qualitative methodology was chosen for these propose, and a case study was developed, using techniques of documentary and bibliographic research, and observation (direct and participant). Semi-structured interviews were also applied to a sample of 8 institutionalized elderly.

In addition, a set of 4 techniques from various institutions were also interviewed and an interview was also applied to the Bishop of São Tomé. After the interviews were conducted, data analysis and interpretation were performed, with the respective results being presented at the end, where we can conclude that the various sources of evidence indicate the existence of ill-treatment of the elderly on the island of São Tomé and that they are derived from the situation of extreme poverty in which these people live, and it is also possible to perceive that the increase in the number of poor elderly people makes them more vulnerable to abandonment and loneliness.

Key words: Elderly; Families; Mistreatment; Abandonment.

INDICE

Introdução 9

Capítulo I - Envelhecimento e Políticas Sociais no âmbito da Velhice

1.Envelhecimento 13

1.1.Conceito de Idoso 15

2.Políticas Sociais no âmbito da Velhice 17

Capítulo II - Violência e Maus Tratos aos Idosos

1.Conceito de violência 22

2.Violência sobre os Idosos 24

2.1 Categorias da Violência 26

3.Maus Tratos aos Idosos 27

3.1 Tipologia dos maus tratos 27

4. Os Maus Tratos aos Idosos na Ilha de São Tomé 28

5. A intervenção do Serviço Social junto dos idosos 31

6. O Serviço Social na prevenção dos maus tratos aos idosos 33

Capítulo III - A metodologia

1. Pergunta de Partida 34

2. Objetivos 34

2.1 Objetivo geral 35

2.2 Objetivos específicos 35

3. Os métodos e as técnicas 35

Capítulo IV - Apresentação e discussão dos dados

1. A análise das entrevistas aos Idosos 40

2. A análise das entrevistas ao Bispo e às Técnicas Sociais 46

3. As conclusões do estudo 51

Conclusão 54

Bibliografia 57

Apêndices

Apêndice 1 - Pedidos de autorização para realizar o estudo em São Tomé

Apêndice 2 - Guião de Entrevista aos Idosos

Apêndice 3 - Guiões de Entrevista ao Bispo e restantes Técnicas Sociais

Apêndice 4 - Transcrição das Entrevistas realizadas aos Idosos

Apêndice 5 - Transcrição da Entrevista ao Bispo de São Tomé

Apêndice 6 - Transcrição da Entrevista à Técnica do Lar da Santa Casa

Apêndice 7- Transcrição da entrevista à Técnica do Lar da Cruz Vermelha

Apêndice 8 -Transcrição da entrevista à Técnica do Projeto Integrado de Lembá

Apêndice 9 -Transcrição da entrevista à Técnica da Rede de Parlamentares

Indice de Figuras

Figura 1 – Mapa de São Tomé e Príncipe 9

Indice de Quadros

Quadro 1 – Índice de envelhecimento 20

Quadro 2 – Caracterização dos Idosos 40

Quadro 3 – Institucionalização e relações familiares dos Idosos 41

Quadro 4 – Situação atual dos Idosos 42

INTRODUÇÃO

O presente trabalho enquadra-se no Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Actuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, tendo como tema de dissertação *"A Violência sobre os Idosos: os maus tratos aos Idosos na ilha de São Tomé*". A mestranda debruçou-se sobre a questão da violência e dos maus tratos exercidos sobre as pessoas idosas, tentando identificar este fenómeno na ilha de São Tomé, deslocando-se para tal a São Tomé e Príncipe, país onde os maus tratos no seio familiar são uma constante levando os idosos a procurar abrigo junto de instituições, o que nem sempre conseguem. Ficam assim sozinhos e abandonados, o que aliado aos maus tratos que sofrem os deixa extremamente fragilizados, muitas vezes não resistindo e acabando por morrer.

São Tomé e Príncipe é um país constituído por duas ilhas principais e vários pequenos ilhéus que se localizam no Golfo da Guiné, a cerca de 300 km da Costa Ocidental da Africa, conforme o mapa da figura 1.

Foi colonizado pelos portugueses em 1470 e tornou-se independente em julho de 1975. Em 2018 a sua população era de cerca de 204 500 habitantes distribuídos por uma área de 1000 km2, sendo o segundo estado soberano africano menos populoso. É considerado um país subdesenvolvido pela Organização das Nações Unidas, mas este organismo espera que em 2024 esta situação se altere para um país de rendimento médio.[1]

Figura 1: Mapa de São Tomé e Príncipe

Carvalho e Rodrigues (2013, pp 138-139), referem que a violência e o abuso sobre idosos só começaram a ter visibilidade em meados do século XX - a partir de 1948 com a Declaração dos Direitos do Homem - sendo atualmente considerados uma questão de direitos humanos.

A Organização Mundial de Saúde, na Declaração de Toronto em 2002, define o conceito de violência contra a pessoa idosa como "u*m ato único ou repetido, ou a falta*

[1] https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe

de uma ação apropriada, que ocorre no âmbito de qualquer relacionamento onde haja uma expetativa de confiança, que cause mal ou aflição a uma pessoa mais velha." (Fonseca *et al*., 2012, p.151).

Conforme Meireles *et al*, (2007), ser idoso é diferente de país para país e tem a ver com o grau de desenvolvimento de cada país. Assim, nos países desenvolvidos são considerados idosos os seres humanos com 65 anos e mais, enquanto nos países considerados em desenvolvimento são idosos os que têm 60 ou mais anos. A definição foi estabelecida pela ONU (1982), na sua Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, e cuja base foi a relação com a expectativa de vida ao nascer e a qualidade de vida que cada país consegue dar aos seus cidadãos.

De acordo com o Relatório da Organização das Nações Unidas (2012), as previsões apontam para que até 2050 o número de idosos irá ser muito superior ao número de jovens. Assim, com uma população mundial cada vez mais envelhecida, assistimos, em todos os países do mundo, a um crescimento no número e na proporção de pessoas idosas na população. O envelhecimento populacional será, por isso, uma das transformações sociais mais significativas do século XXI, com implicações transversais a todos os setores da sociedade – no trabalho, na economia, na procura de bens e serviços como a habitação, transportes e proteção social; e também nas estruturas familiares e nos laços intergeracionais.[2]

Atualmente, a Europa tem a maior percentagem da população com 60 anos ou mais (25%). Globalmente, o número de pessoas com 80 anos ou mais deverá triplicar até 2050 passando de 137 milhões, em 2017, para 425 milhões em 2050. Por isso, as pessoas mais velhas são, cada vez mais, vistas como aquelas que vão contribuir para o desenvolvimento, cujas competências devem estar interligadas com políticas e programas transversais. No entanto, nas próximas décadas, muitos países irão enfrentar pressões fiscais e políticas na esfera dos sistemas públicos de saúde e proteção social para a população na faixa etária mais avançada.[3]

A tendência crescente da violência sobre os idosos tem vindo a ser reconhecida pelas organizações internacionais como um dos maiores problemas de saúde pública do

[2] https://unric.org/pt/envelhecimento/

[3] Idem

século XXI e, a maioria destas organizações já vem dando prioridade ao fenómeno nas suas agendas políticas, tal como referem Gil *et al* (2013).

De acordo com Paulino *et al* (2019), os maus tratos contra os idosos são um fenómeno que vive no silêncio tal como acontece com outras manifestações de violência. Há aquilo que se chama de fenómeno icebergue e muitos dos casos estão no silêncio, seja por receio da vítima ou seja pelo silêncio das pessoas que sabem destas situações, mas não são capazes de as denunciar.

Assim, através deste estudo, a mestranda propõe-se abordar o fenómeno da violência e dos maus tratos que muitos idosos sofrem e que os leva a sentir tão desprezados e desvalorizados, sendo que este tema da violência exercida sobre os idosos foi o escolhido para a sua investigação onde irá debruçar-se, mais aprofundadamente, na situação dos idosos que são vítimas de maus tratos na ilha de São Tomé e Príncipe.

Este trabalho encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo engloba a revisão teórica, sendo composta pelos conceitos de envelhecimento e idoso e termina com uma abordagem às políticas sociais no âmbito da velhice. O segundo capítulo trata da Violência e dos maus tratos aos Idosos, falando da violência e suas categorias e dos maus tratos e sua tipologia e dos maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé bem como da intervenção do Serviço Social junto dos idosos. O Capítulo três fala da metodologia, onde são apresentados os objetivos e sua justificação, bem como explanadas as técnicas de recolha dos dados e os participantes do estudo. No quarto capítulo são demonstrados os resultados com a respetiva discussão dos dados recolhidos. Seguem-se as conclusões do trabalho, referências bibliográficas e apêndices.

O interesse da mestranda pela problemática dos maus tratos aos idosos iniciou-se há bastante tempo, mas acentuou-se durante o estágio do segundo ano da licenciatura em Serviço Social (2015-2016). Este estágio foi realizado num Centro de Dia, onde contactando com os idosos que o frequentavam se apercebeu da tristeza que quase todos manifestavam, podendo mesmo afirmar-se que, muitos deles, pareciam ter perdido qualquer desejo de viver. As histórias de vida destas pessoas eram profundamente tristes, muitas vivendo sozinhas e sem qualquer apoio da família mais chegada, tal como os filhos ou os netos.

Por outro lado, em deslocação à sua terra natal (São Tomé e Príncipe), a mestranda teve conhecimento do problema ali vivido pelos idosos, que, de uma forma geral, são sujeitos a maus tratos dentro das suas casas e pelos próprios familiares que chegam ao ponto de os expulsarem de casa, abandonando-os à sua sorte.

Daí o interesse da mestranda em avançar para um mestrado na área dos riscos e da violência abordando a temática dos maus tratos aos idosos, sendo que esta é também a área que pretende vir a abraçar em termos laborais, na certeza que a área social pode desempenhar um papel muito importante na protecção dos idosos, que são um dos grupos mais fragilizados e vulneráveis nas actuais sociedades.

Tal como refere Carvalho (2011, p.47), *"a violência sobre os idosos não pode ser concebida só como um acto, É mais do que individual, mais do que uma questão social e de saúde, é uma questão de poder e de Direitos Humanos".*

CAPÍTULO I – ENVELHECIMENTO E POLÍTICAS SOCIAIS NO ÂMBITO DA VELHICE

Neste primeiro capítulo vai ser abordado o envelhecimento da população, falando-se igualmente do conceito de idoso e das políticas sociais no âmbito da velhice. A verdade é que atualmente o envelhecimento é um dos grandes desafios das sociedades e para isso têm contribuído tanto o aumento da esperança média de vida como o diminuto número de nascimentos. Por isso, nos últimos anos, se tornou urgente uma busca por novas soluções para possibilitar o enfrentamento desta realidade.

1. Envelhecimento

O envelhecimento foi sempre um motivo de reflexão entre os homens. O conceito de envelhecimento e as atitudes perante os idosos têm vindo a mudar com o passar dos tempos e refletem-se não só a nível de conhecimentos acerca da anatomofisiologia humana, como também a nível cultural e relacional na sociedade (Paúl e Fonseca, 2005).

Pinto (2013), refere que ao atingir uma determinada idade, o ser humano começa a ter necessidades específicas pois vai perder algumas funções do organismo com o avançar dos anos. Assim, a diminuição da capacidade funcional observada no indivíduo mais velho tem implicações diversas na sua qualidade de vida tornando-o gradualmente menos ativo, menos autónomo e, por isso, mais dependente.

Câmara (2015) aponta-nos alguns conceitos sobre o envelhecimento, referindo que o mesmo pode ser: demográfico/populacional (o conjunto da população, com as alterações da estrutura etária); ou envelhecimento individual (na perspectiva do indivíduo que tem a ver com a estrutura biológica, psicológica e social de cada um).

Sendo o envelhecimento um processo em que ocorrem muitas alterações, ainda Câmara (2015), refere que há autores que consideram que um indivíduo não tem uma idade, mas sim três idades, que são: a idade biológica, a idade psicológica e a idade social, o que significa que como o envelhecimento é um processo individual, cada pessoa vai envelhecer de forma diferente, consoante o seu estilo de vida, a sua alimentação, a sua profissão, ou as suas doenças.

Dentro da mesma ideia, Paúl (*cit.* Almeida 1999) afirma que se podem considerar três tipos de idade: a idade cronológica, a idade social e a idade psicológica. A idade cronológica é medida pelas capacidades funcionais ou vitais e pelo limite de vida dos sistemas orgânicos; já a idade social refere-se aos papéis e hábitos que o

indivíduo assume na sociedade e, por fim, a idade psicológica refere-se às capacidades comportamentais de adaptação ao meio em que o indivíduo vive.

Normalmente é através do critério cronológico que se chega ao envelhecimento, delimitando-se a partir daí em que altura as pessoas começam a ter as suas capacidades físicas, mentais e sociais diminuídas, aparecendo então todo um conjunto de serviços vocacionados para servir as várias etapas (Santos *cit.* Mazo *et al.*, 2001).

António (2013) fala-nos igualmente sobre o envelhecimento da população portuguesa e afirma que o mesmo se deve a três factores importantes: a baixa natalidade (nascem cada vez menos crianças); os fluxos migratórios (os jovens saem do país por falta de empregos e os mais velhos vão ficando por aqui, com a agravante de se lhes juntarem os emigrantes que entretanto envelheceram e voltaram para Portugal); e o aumento da esperança de vida (que está em 79,8 anos devido à diminuição da mortalidade entre as pessoas de 65 ou mais anos).

A verdade é que o nosso país tem vindo a sofrer do processo muito acentuado de envelhecimento da sua população e os dados apontam para que a "*população idosa atinja mais de dois milhões de indivíduos (2 027 000) em 2020, representando 19,2% do total nacional"* (Rebelo e Penalva, *cit* Paúl, 2005, p.15).

As projecções do Departamento de Estatística da União Europeia (Eurostat) vão ainda mais longe, traçando um cenário em que a percentagem de idosos portugueses quase duplicará entre 2004 e 2050, chegando aos 31,9%. Isto significa que se vai passar de um rácio em que 1 em cada 5 portugueses têm 65 ou mais anos para uma relação de 1 em cada 3 portugueses (Paúl, 2005, p.15).

Carrilho & Gonçalves (2006) referem que o envelhecimento em Portugal tem sido acompanhado por uma redução da população jovem. A verdade é que o número de pessoas com 65 ou mais anos duplicou nos últimos 40 anos. O cenário, segundo as autoras, vai ainda alterar-se mais nos próximos anos, estimando-se que em 2050 a população idosa represente 32% do total da população. A população jovem, por sua vez, irá diminuindo de ano para ano chegando a 13% em 2050.

Para Rosa (2012), o envelhecimento da população portuguesa deve-se à evolução de dois factores importantes: a fecundidade e a mortalidade. Quanto ao factor da fecundidade, o que se verifica na sociedade portuguesa é uma retracção dos efetivos nas idades mais jovens, caracterizado por uma redução, nas últimas décadas, dos níveis de descendência média (número de filhos por mulher) havendo assim um aumento da

importância relativa dos indivíduos noutras idades. No que respeita ao factor da mortalidade, a sua evolução veio ter um duplo contributo reforçando a expressão quantitativa do grupo dos 65 e mais anos, nomeadamente pela redução das taxas de mortalidade infantil e pelo aumento da esperança média de vida.

Apesar dos progressos da ciência e da medicina, a qualidade de vida dos mais velhos não tem vindo a melhorar pois ao viver durante mais anos ficam também mais sujeitos a contrair doenças incapacitantes, sendo, por isso, necessário que se tente, o mais possível, manter a qualidade de vida das pessoas idosas, tal como referem Fonseca e Paúl (2008).

O envelhecimento, segundo Fontaine (2000) é *"um processo que não se reduz a perdas, mas antes como uma interacção contínua entre fenómenos biológicos, psicológicos e sociais, que provocam alterações no organismo à medida que a idade cronológica aumenta"* (p.136).

Do ponto de vista biopsicossocial pode dizer-se que nem todas as pessoas envelhecem da mesma forma, nem ao mesmo ritmo. Cardão (2009) salienta que embora o envelhecimento seja comum a todas as pessoas, "*existem características que são próprias de cada pessoa, e isso está relacionado com a constituição biológica, a personalidade, e também com o meio onde a pessoa vive"* (p.32).

Cardão (2009) salienta também que um envelhecimento bem-sucedido depende da capacidade da pessoa para se adaptar às mudanças do meio ambiente e daí a importância em se manter activo, de modo a não perder as suas funções.

1.1 Conceito de Idoso

A Organização Mundial de Saúde define idoso como uma pessoa com mais de 65 anos, independentemente do sexo ou do estado de saúde em que se encontre (Espanadeira, 2008).

Das várias classificações existentes sobre as idades das pessoas encontramos uma que faz essa divisão em quatro etapas (Mazo e Lopes, 2001): a 1ª idade - dos 0 aos 20 anos; a 2ª idade - dos 21 aos 49 anos; a 3ª. Idade - dos 50 aos 77 anos; a 4ª idade - dos 78 aos 105 anos.

Outra abordagem apresentada por alguns psicólogos compreende três etapas: Maturidade Inicial (20 a 40 anos); Maturidade Média (41 a 65 anos); Maturidade Tardia (mais de 66 anos), podendo esta ser subdividida em três parcelas: idoso jovem (65 a 74 anos); idoso velho (75 a 85 anos) e manutenção pessoal (acima dos 86 anos). Entre os

65 e 85 anos é ainda possível identificar duas fases: a pós-reforma - 65 a 75 anos - e os idosos Nova Vaga - 75 a 85 ou mais anos, tal como é referido por Bandeira, *cit.* Correia *et al*. (1999).

Em Portugal considera-se que uma pessoa é idosa quando tem 65 ou mais anos, coincidindo normalmente com a idade da reforma do indivíduo. Para muitos autores a vida não acaba, nem começa aos 65 anos, mas a verdade é que com o avanço dos anos há uma tendência para se ter uma vida social cada vez mais limitada e a família torna-se o núcleo central da vida destas pessoas (António, 2012).

Conforme refere Moura (2006), e tendo em conta os dados da Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, realizada em 2002,

> "*Até 2050 o número de idosos irá ser maior que o número de jovens existentes pela primeira vez na história da humanidade. Em 1959 as pessoas idosas representavam 8% da população, em 2000 representavam 10% e segundo a mesma fonte até 2050 o número de idosos deverá corresponder a 21% da população*" (p. 28).

A este rápido envelhecimento da população, que ocorrerá sobretudo nos países em desenvolvimento, corresponderão mudanças dramáticas nas estruturas familiares e nos respetivos papeis desempenhados pelos diferentes grupos etários, o que, de acordo com Ribeirinho, *cit* Moura (2006), está a levar a atual sociedade a deparar-se com uma situação contraditória:

> *"Por um lado, confronta-se com o crescimento em massa da população idosa, fruto do aumento da esperança média de vida, e por outro lado, omite-se ou adota atitudes preconceituosas sobre a velhice, retardando assim uma efetiva implementação de medidas que visem minorar situações de dependência."* (p.55).

A velhice é muitas vezes encarada como uma doença, desvalorizando-se as pessoas idosas, e, tal como refere Paúl (1997) há uma tendência para se enaltecerem apenas os valores da juventude, onde esta nos é apresentada sempre cheia de força e de vitalidade.

Mas a verdade é que a velhice pode também trazer muitas possibilidades de crescimento qualitativo e as pessoas que a encaram como uma etapa de felicidade mantêm uma atitude positiva e conseguem mesmo ter projectos para desenvolver nesse ciclo das suas vidas. E é nesta perspetiva que a autora Zimerman (2000) nos fala sobre o que é ser velho:

> *"O velho é um mais: tem mais experiência, mais vivência, mais anos de vida, mais doenças crónicas, mais perdas, sofre mais preconceitos e tem mais tempo disponível. No momento em que utiliza mais a sua experiência, e a vivência adquirida, ao longo da sua vida, aprende a conviver com as suas*

> *doenças crónicas e próprias da sua idade; elabora as suas perdas, não esquecendo os seus ganhos; dribla os preconceitos e aprende a utilizar o seu tempo. Ele continuará a aproveitar a vida, gozando as coisas boas e sendo feliz. Fazer planos para o amanhã é viver"* (pp. 19-20).

No entanto, existem outras pessoas que encaram a velhice como uma fase pessimista, em que a pessoa idosa cai na decadência e deterioração e onde as depressões e as crises de identidade vão surgindo cada vez mais fortes, sendo que, conforme refere a mesma autora, *"a crise de identidade, provocada pela falta de papel social, levará o velho a uma perda de sua autoestima"* (Zimerman 2000, p.24)

Segundo Cardão (2009) envelhecer não é ser velho, e a representação social da velhice como acontecimento individual não tem apenas aspetos negativos relacionados com o desgaste e a dependência. Envelhecer pode e deve ser encarado como um ganho tanto em experiência como em maturidade, em que o idoso passa a ter um maior conhecimento e uma perceção mais abrangente de tudo o que o rodeia.

Mas o aumento da longevidade vai também desencadear um acréscimo no número de pessoas idosas a receber pensões de reforma, com implicações nos mais diversos níveis, fazendo com que o sistema de Segurança Social fique sobrecarregado e possa vir a deixar de ter capacidade para suportar os encargos daqui resultantes.

Assim, é muito importante que se apliquem medidas de políticas sociais direccionadas a esta população mais velha, *"(...) que vive um período da vida em que se apresenta com necessidades e problemas sociais comuns"*, tal como refere Vaz *cit* Carvalho 2012, p 86).

2. Políticas sociais no âmbito da velhice

Fernandes (1997) afirma que as políticas sociais de velhice *"são um conjunto de intervenções públicas, ou acções colectivas, que estruturam de forma explícita ou implícita as relações entre a velhice e a sociedade"* (p. 22). A sua finalidade é ajudar a suprir as necessidades das pessoas idosas, tendo como principal interveniente o Estado.

Como medidas explícitas podemos encontrar, por exemplo, as pensões de velhice, as pensões de sobrevivência, as pensões de invalidez e ainda as pensões de viuvez.

Já como medidas implícitas podemos exemplificar com a redução do custo dos medicamentos, a isenção das taxas moderadoras, e também o rendimento mínimo garantido, ou os subsídios para ajuda no pagamento das rendas de casa (Carvalho, 2012).

No nosso país, a generalização das reformas e a implementação de políticas sociais no âmbito da velhice são recentes e tiveram como marco histórico a Revolução de Abril de 1974. Foi a partir do 25 de Abril que o Estado chamou a si o papel de conceber, promover e implementar políticas que assegurassem a protecção social, sobretudo da população mais carenciada (nesta altura foram criados o salário mínimo nacional e a pensão social).

Entre os anos 1976 e 1985 foram desenvolvidas ações no sentido de se transformarem os asilos que então existiam em lares para a terceira idade. Na área da ação social, o governo deu especial atenção à criação de equipamentos e serviços de apoio, como Centros de Dia, Apoio Domiciliário e Centros de Convívio, defendendo a manutenção do idoso na sua residência (António, 2013).

Nos anos de 1985 a 1995, continuaram a existir políticas de redução de despesas do Estado tendo-se incentivado os idosos a manterem-se em suas casas. Muitos serviços públicos passaram para os privados e foram criadas instituições sem fins lucrativos na área social. O governo cria a Comissão Nacional de Política da Terceira Idade. O ano de 1993 foi o Ano Europeu do Idoso e da Solidariedade entre Gerações e em 1994 é criado em Portugal o PAII – Programa de Apoio Integrado a Idosos e que visava a criação de condições para manter os idosos em seus lares; apoiar as famílias cuidadoras dos seus idosos; a promoção de formação aos voluntários, aos familiares e aos profissionais e a prevenção do isolamento e da exclusão social (António, 2013).

Entre os anos de 1995 e 2002 a política aconselha os idosos a manterem-se nos seus lares, e foram *"promovidos projectos para responder às necessidades dos mais dependentes",* tendo sido criados vários projectos tal como o Turismo Sénior ou Programa de Saúde e Termalismo, e que são financiados pelo PAII - Programa de Apoio Integrado a Idosos (António, 2013, p.93).

A partir de 2002 criaram-se medidas e programas prevenindo situações de dependência e de institucionalização dos idosos, tentando-se evitar situações de pobreza e exclusão social, continuando a incentivar-se a permanência dos idosos nos seus lares o máximo de tempo possível. Assim, foram criados vários programas, tais como o PROGRIDE, Programa para a Inclusão e o Desenvolvimento em 2004; o RNCCI, Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados no ano de 2006 e o PCHI, Programa Conforto Habitacional para Pessoas Idosas, em 2007 (António, 2013).

É ainda António (2013, p. 95), que nos refere quais as medidas existentes e dirigidas às pessoas idosas e em situação de dependência no âmbito da Segurança Social e que são as seguintes:

1. "Prestações Sociais: Pensão de Velhice; Pensão Social de Velhice e Complemento Solidário para Idosos.

2. Respostas Sociais:

a) Em Serviços (Serviço de Apoio Domiciliário; Apoio Domiciliário Integrado e Acolhimento Familiar para Pessoas Idosas e Adultas com Deficiência);

b) Em Equipamentos (Lar de Idosos; Residência; Centro de Dia; Centro de Convívio; Centro de Noite e Unidades de Apoio Integrados).

3. Programas e Medidas:

a) Transversais: Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais (PARES); Linha Nacional de Emergência Social (LNES); Rede Social; Programa para a Inclusão e Desenvolvimento (PROGRIDE); Programa Comunitário de Ajuda Alimentar a Carenciados (PCAAC) e Programa de Cooperação para o Desenvolvimento da Qualidade e Segurança das respostas Sociais.

b) Específicas: RNCCI (Rede Nacional de Cuidados Continuados Integrados); PCHI (Programa Conforto Habitacional); Programa ReCriar o Futuro e Programa PAII (Apoio Integrado a Idosos) ".

A mesma autora refere também que apesar da existência de "*várias medidas/respostas sociais na velhice não existe uma Política de Envelhecimento em Portugal"* (António, 2013, p.100*),* pois as medidas que têm vindo a ser implementadas pelos vários governos e dirigidas aos idosos tentam apenas colmatar as necessidades derivadas da entrada na velhice.

Uma verdadeira política social de envelhecimento deve integrar medidas de combate à pobreza e exclusão social, facilitando o acesso à protecção social. Deve também promover os comportamentos saudáveis, tais como o exercício físico e uma alimentação saudável. Deve igualmente prevenir situações de violência e maus-tratos contra os idosos. Em suma, uma política social de envelhecimento tem de *"estar focada no idoso como cidadão"* (António, 2013, p.101).

A Constituição da República Portuguesa (CRP, 1976, artigo 72º) prevê que,

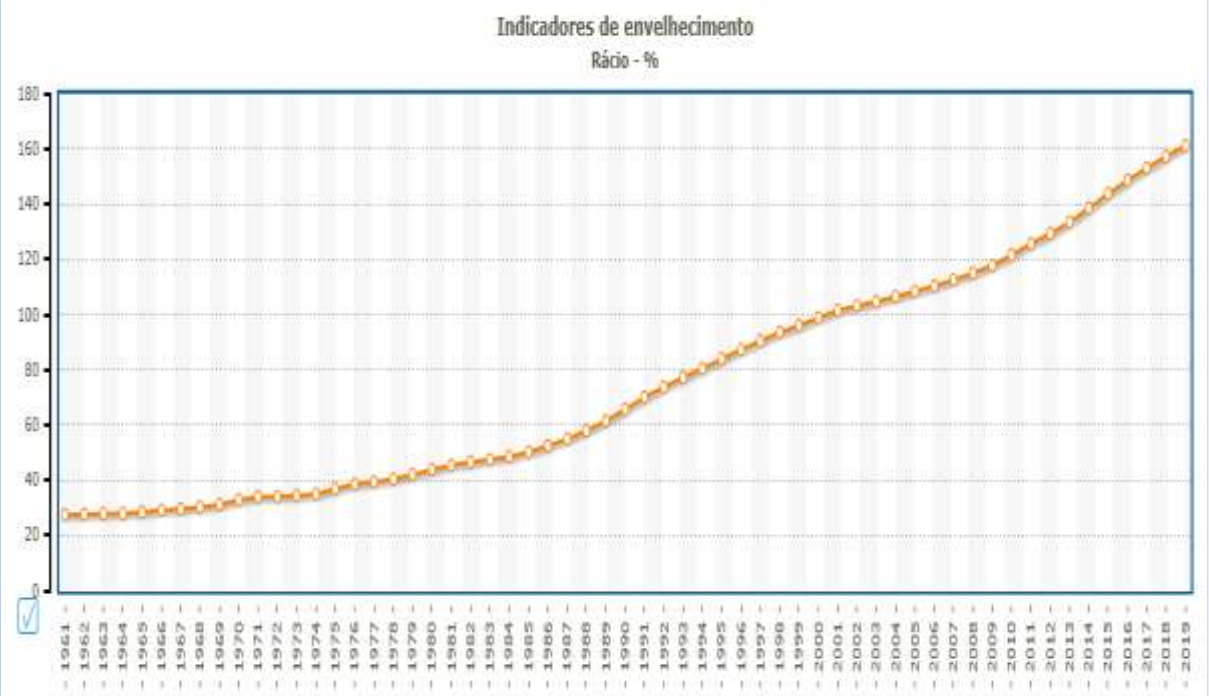
> *"As pessoas idosas têm direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que respeitem a sua autonomia pessoal, e evitem e superem o isolamento ou marginalização social".*

Com efeito, o número de pessoas idosas, no conjunto da população, tem vindo a aumentar nas últimas décadas, pelo que, segundo António (2013, p.100), um dos

grandes desafios da sociedade portuguesa "(...) *tem a ver com o problema social que a velhice representa, para o qual as políticas sociais têm de encontrar soluções através da criação de serviços de qualidade e centrados nas verdadeiras necessidades das pessoas".*

Com o aumento da esperança média de vida aumentou também a população idosa, sendo que a a Organização das Nações Unidas prevê que em 2025 o número de pessoas idosas duplique em todo o mundo. Portugal não é excepção e em 2019 os indicadores do envelhecimento apontam para o número de idosos já bastante superior em relação ao número de jovens: por cada 100 jovens existem 161,3 idosos, tal como se pode verificar no quadro que se apresenta a seguir (Pordata, 2019).

QUADRO 1 - Índice de envelhecimento



Fonte: https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento.

Se por um lado é bom uma pessoa idosa poder chegar à reforma e não trabalhar mais, por outro lado, esta pessoa deixa de contribuir para a produtividade da sociedade e vai, assim, ficar socialmente mais isolada. Sendo a idade da reforma considerada um marco em que há uma paragem na produção, deve a nossa sociedade assumir um papel ativo na promoção da qualidade de vida dos idosos, através da criação de mais espaços fisicos e medidas políticas de proteção.

No entanto, sabemos que assim não acontece, pois em muitos casos, o idoso é visto como alguém que está a mais, sofrendo carências múltiplas, sendo abandonado e maltratado dentro da sua própria casa.

Segundo Gil *et al*. (2013), em Portugal, a violência contra os idosos está a crescer, pelo que, para a evitar é imprescindível que se tomem medidas que evitem os riscos que o envelhecimento comporta tais como: melhorar os níveis de prestação da segurança social (aumentando as pensões, por exemplo), e promover a qualidade e alargar a rede de prestação de cuidados e serviços sociais.

CAPÍTULO II – VIOLÊNCIA E MAUS TRATOS AOS IDOSOS

O segundo capítulo vai abordar num primeiro momento, a violência e os maus tratos aos idosos e o conceito de violência, bem como a violência que é exercida sobre os idosos, identificando as categorias dessa mesma violência. Em seguida, aborda igualmente o conceito de maus tratos aos idosos bem como a sua tipologia.

1. Conceito de Violência

Como referem Gil *et al.* (2012), a Organização das Nações Unidas, define violência na generalidade como:

> *"Todo ato da natureza violenta que acarreta, ou tem o risco de acarretar, um prejuízo físico, sexual ou psicológico, que pode tratar-se de ameaças, negligência, exploração, constrangimento, privação arbitrária da liberdade, tanto no âmbito da vida pública como privada"* (*Gil et al*.,2012, p.151).

A tendência crescente da violência tem vindo a ser reconhecida pelas organizações internacionais como um dos maiores problemas de saúde pública do século XXI e a maioria destas organizações tem dado prioridade ao fenómeno nas suas agendas políticas (Gil *et al*., 2013).

A qualificação de um ato como sendo violência pode ser entendido de diversas perspetivas tendo em conta a forma como este é percepcionado e vivido pela vítima e tanto pode assumir características de agressão física, psicológica, sexual, de discriminação ou de constrangimento social, ocorrendo em diferentes contextos, quer na vida privada, quer na escola ou trabalho, por exemplo. Quanto à sua frequência, pode ser uma ação isolada ou um processo de violência que se vai prolongando no tempo (Lisboa *et al*., 2006).

Como referem Lisboa *et al* (2006) não podemos afirmar que existe uma única definição de violência embora atualmente na nossa sociedade se atribua essa designação a um grande número de situações. Há, por assim dizer, uma proliferação de significados, de tal modo que, muitas vezes é difícil perceber e identificar os processos e as dinâmicas sociais que estão associados à atribuição de uma determinada definição de violência.

Para Minayo (2006), existe uma vasta literatura que discute o fenómeno da violência e que a trata como um fenómeno sócio histórico que acompanha toda a experiência de vida de uma pessoa.

Matthews e Goodman (2013 *cit* Coler, 2014) referem que a violência não ocorre de forma isolada mas que ela vai sendo influenciada por uma ampla variação de

valores socioculturais e políticos. A violência é uma forma comum de agressão destrutiva o que leva a que os termos como abuso, agressão, maus tratos, abandono e negligência sejam usados como sinónimos.

Já Machado e Gonçalves (2003) apontam a existência de factores que podem contribuir para o desenvolvimento da violência: o isolamento - que pode ser geográfico, físico, afectivo e social; a fragmentação, divisão ou separatismo; o poder e o domínio ou a influência moral; a tendência para a violência tendo por base crenças e atitudes; as situações de stress (desemprego, problemas financeiros, gravidez); a frustração; o alcoolismo; a toxicodependência; as agressões e violência exercidas pelos pais sobre as crianças; as perturbações mentais, entre outras.

De acordo com Odalia (1983 *cit* Barazal, 2014), a violência parece actualmente tão característica do nosso dia-a-dia pelo que pensar e agir em função dela deixou de ser um acto circunstancial para se transformar numa forma do modo de ver e de viver o mundo do homem. A violência surgiu há muito tempo e pode-se afirmar que possui um carácter estrutural: não é localizada, nem esporádica ou passageira e tem vindo a atingir níveis muito elevados, sendo até considerada como uma epidemia.

Já em 2002, a Organização Mundial de Saúde havia publicado um relatório onde considerou a violência como um problema mundial de saúde pública. Nesse relatório foram referidos estudos onde era possível verificar que todos os anos um milhão de pessoas perdia a vida ou sofria graves lesões devido a actos de violência a que eram sujeitos (OMS, 2002).

Segundo Minayo (2003, *cit* Carvalho & Rodrigues, (2013),

> "A *violência é um conceito referente a processos, às relações sociais interpessoais, de grupo, de classe, de género, ou objetivadas em instituições quando empregam diferentes formas, métodos e meios de aniquilamento de outrem, ou de sua coação direta ou indireta, causando-lhe danos físicos mentais e morais"* (p.139).

A violência é, tal como sublinha a Organização Mundial de Saúde (2002), a forma de expressão mais comum da agressão, sendo considerada como um fenómeno previsível e possível de se prevenir.

2. Violência sobre os Idosos

Com o crescimento da violência todas as organizações internacionais têm vindo a dar prioridade a esta grave situação, tentando por todos os meios que sejam tomadas medidas de forma a acabar com este flagelo.

Conforme Gil *et al*. (2012) a Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (promovida pela ONU em 2002), define que a violência é: *"Qualquer ato, único ou repetido, ou falta de ação apropriada que ocorra em qualquer relação, supostamente de confiança, que cause dano ou angústia, a uma pessoa de idade"* (p.151).

Segundo o Relatório Mundial de Saúde, a violência contra a pessoa idosa tem uma maior abrangência e a sua definição é a seguinte (Gil *et al.,* 2012),

> *"Uso intencional de força física ou poder, sob a forma de ameaça real, contra si mesmo, contra outra pessoa, grupo ou comunidade, do qual resulta ou exista a probabilidade de resultar uma lesão física ou psicológica, morte, atraso de desenvolvimento ou qualquer forma de prejuízo ou privação"* (p.151).

Os conceitos referidos baseiam-se em fatores comuns: um ato ou conduta (variável de acordo com a natureza e tipo), uma relação interpessoal de confiança e uma consequência que provoca um efeito, traduzido num dano físico e/ou mental (Gil, *et al*. 2013).

Segundo Perel-Levin (2008, *cit* Gil *et al*., 2013), o Relatório da Organização Mundial de Saúde onde é medido o fenómeno da violência tem em conta as cinco principais formas de violência contra as pessoas idosas e que são os seguintes:

1) A violência física com base em acções efetuados no intuito de causar dor física ou ainda de ferir o idoso: por exemplo, punições físicas tais como esbofetear, empurrar, atirar-lhe um objeto, não dar os medicamentos ou então o contrário, isto é, dar medicamentos em excesso;

2) A violência psicológica, emocional ou verbal, englobando acções que provocam sofrimento, aflição ou angústia, podendo isto ser feito verbalmente ou então por meio de ameaças e intimidações, manipulando o idoso;

3) A violência sexual em que o idoso é obrigado a envolver-se sem o seu consentimento (aqui pode ser exercida coação sobre a pessoa idosa, obrigando-a a ter relações sexuais, mas também pode sofrer assédio sexual ou violação);

4) A violência económica ou financeira é outra das formas de violência muito comum e engloba o uso ilegal ou inadequado, por parte dos familiares ou cuidadores, de bens, dinheiros ou até mesmo propriedades da pessoa idosa (por exemplo o roubo de

dinheiro ou de objectos valiosos, a venda de propriedades ou até mesmo a transferência bancária de dinheiro da conta do idoso sem a sua autorização);

5) A negligência na prestação dos cuidados à pessoa idosa, e aqui é considerada, por exemplo, a falta de cuidados de higiene ao idoso, ou a omissão ou recusa por parte do cuidador em o alimentar, a falta de apoio emocional ou de cuidados de saúde. Neste caso a situação de negligência pode assumir dois tipos: 1) negligência ativa, em que o agressor nega cuidados e age mesmo com essa intenção e 2) a negligência passiva, em que o agressor não presta os cuidados, mas não tem a intenção de lhe causar mal (muitas vezes é por não saber como fazer).

O mesmo Relatório reconhece ainda como forma de violência a privação e a negligência, e aponta a urgente necessidade de se criar uma estratégia global para a sua prevenção, devendo a mesma comportar três grandes dimensões: negligência (isolamento, abandono e exclusão social); violência (direitos humanos legais e médicos) e privação (tomada de decisões, situação social, gestão económica e respeito) (Gil *et al*., 2013).

A verdade é que o fenómeno da violência tem vindo a ser cada vez mais apontado como um dos maiores problemas de saúde pública do século XXI, por variadas instituições tal como a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Comissão Europeia (CE) ou a Organização das Nações Unidas (ONU), (Gil *et al*., 2013).

Ainda segundo Gil *et al*. (2013), em Portugal, a violência contra os idosos está a crescer, pelo que, para a evitar é imprescindível que se tomem medidas que evitem os riscos que o envelhecimento comporta tais como, por exemplo, melhorar os níveis de prestação da segurança social (aumentando as pensões, por exemplo) e promover a qualidade e alargar a rede de prestação de cuidados e serviços sociais.

A própria Constituição da República Portuguesa, como referem as autoras, dá especial atenção à problemática das pessoas idosas, nomeadamente no seu artigo 72º dedicado à política da terceira idade (Gil *et al*., 2013).

Faleiros *cit* Carvalho (2019), considera a violência sobre as pessoas idosas como,

> *" (...) um processo relacional, complexo e diverso; é relacional pois deve ser entendido na estruturação da própria sociedade e das relações interpessoais institucionais e familiares (...); é complexo, por envolver relações de poder tanto no contexto social mais geral, como nas relações particulares numa perspectiva histórica e dinâmica (...); e é diversificado nas manifestações familiares, individuais e colectivas (...) entre os diferentes grupos e segmentos, e atinge o corpo físico e a psique"* (p.40).

Na violência exercida sobre as pessoas idosas há uma relação desigual de poder, resultando em prejuízo, em dano ou sofrimento para o idoso, que está em desvantagem face ao seu agressor, existindo aqui um claro desprezo pelos direitos humanos (Faleiros, *cit* Carvalho, 2019, p.40).

2.1 Categorias da violência

Gil *et al.* (2013), referem que existem três níveis para a prática de violência e de abuso: 1) Autoinfligido (o suicídio, o autoabuso); 2) Interpessoal (a família e a comunidade). A violência é, neste caso, praticada pelos familiares do idoso, ou pelos funcionários da instituição onde vive, por exemplo; 3) Colectivo (social, política, económica).

Na sequência do relatório da OMS referido por Perel-Levin (2008), os autores Gil *et al.,* (2013) sublinham que a violência sobre pessoas idosas pode dividir-se em seis categorias: 1) Abuso físico (infligir dor ou lesão, uso da força, de medicamentos e de brutalidade); 2) Abuso psicológico e emocional (infligir angústia mental, insultos, sofrimento psicológico, difamações, falsas acusações, assédio moral); 3) Abuso financeiro (exploração ou uso dos recursos financeiros do idoso, tal como a utilização do dinheiro da pensão de reforma, por exemplo); 4) Abuso sexual (contacto sexual não consentido pelo idoso, como a violação por exemplo); 5) Negligência (a recusa em não cuidar do idoso, a falta de afecto, o abandono), e 6) Autonegligência (neste caso é o comportamento do idoso que coloca em perigo a sua segurança e saúde).

Existem ainda outras formas de violência sobre os idosos, tais como, as que são praticadas em instituições. Por exemplo, como referem Gil *et al.,* (2013), na maioria das instituições, as normas de acesso são muito rígidas e os familiares do idoso raramente participam na dinâmica da instituição.

As causas da violência institucional que estas autoras nos apontam são: 1) o tipo de assistência em instituições de saúde e sociais (má alimentação, enfermagem deficiente, falta de cuidados básicos); 2) o *stress* do pessoal (o pessoal tem más condições de trabalho, funcionários cansados, com falta de formação e com problemas psicológicos); 3) a dificuldade de interação entre os funcionários e os idosos (má comunicação, agressividade para com os idosos, o *bullying*); 4) o ambiente interno (falta de privacidade, repressão, ocorrência de acidentes dentro da instituição; 5) as políticas organizacionais (abuso de poder da instituição contra o idoso, atitudes autoritárias, repressão, roubos) (Gil *et al.,* 2013).

3. Conceito de maus tratos

Tal como acontece na definição proposta pela Organização Mundial de Saúde, em que os conceitos de abuso e violência são semelhantes, o mesmo se verifica relativamente ao conceito de Maus Tratos encontrando-se este associado à terminologia inglesa E*lder Abuse* (Abuso de idosos). Na Declaração de Toronto de 2002, a definição da OMS sobre maus tratos a pessoas idosas é a seguinte,

> *"Qualquer ato isolado ou repetido, ou a ausência de ação apropriada, que ocorre em qualquer relacionamento em que haja uma expetativa de confiança, e que cause dano, ou incómodo a uma pessoa idosa. Estes atos podem ser de vários tipos: físico, psicológico/emocional, sexual, financeiro ou, simplesmente, refletir atos de negligência intencional, ou por omissão"* (Gil *et al*., 2012, p.152).

Entende-se por maus tratos físicos aqueles que lesam a integridade física, o que também se prevê nos conceitos de Violência e de Abusos físicos nos casos em que *"é infligida dor ou lesão, coação física ou domínio induzido por força ou drogas"*, porém, os Maus tratos psíquicos admitem as condutas que lesam a autoestima e as competências sociais que podem levar à angústia mental (Gil *et al*., 2012).

3.1 Tipologia dos maus tratos

De acordo com Paulino *et al* (2019), os maus tratos contra os idosos são um fenómeno que vive do silêncio, à semelhança do que acontece com outras manifestações de violência. Há aquilo que se chama de fenómeno icebergue. Muitos dos casos estão no silêncio, seja por receio da vítima, seja pelo silêncio das pessoas que sabem destas situações, mas não as denunciam.

Existem diversas formas de maus-tratos aos idosos, que se traduzem em *"violência física, violência sexual, violência psicológica e emocional, violência financeira e exploração material e, ainda, negligência e abandono"* (Paulino *et al*, 2019, p.65).

Os maus tratos não são uma realidade exclusiva nas famílias pois também há maus tratos em contexto institucional embora este seja um tema mais recente, pois se colocamos um idoso numa instituição, a ideia é que lá ele seja bem cuidado e bem tratado. A própria sociedade está mais desperta para quando os maus tratos acontecem na família (Paulino *et al,* 2019).

A violência institucional contra os idosos pode traduzir-se numa assistência precária, no emprego de medicação excessiva para os idosos estarem menos activos e

darem menos trabalho, em situações de desnutrição, de desidratação, de falta de higiene ou mesmo situações de idosos amarrados a camas. Já a violência familiar tem uma expressão mais individualizada, tanto da parte da vítima como do agressor (Paulino *et al*, 2019).

Como afirmam Paulino *et al*, (2019, p.62), *"é essencial que se adotem medidas que possibilitem a detecção e a supressão das causas dos maus-tratos, bem como se garanta a adequada protecção dos idosos, tanto aqueles que vivem no seu domicílio como os alojados em lares"*

4. Os maus tratos aos Idosos na ilha de São Tomé

Neste ponto abordam-se os maus tratos que são infligidos aos idosos na ilha de São Tomé. Aqui os idosos são um grupo bastante vulnerável que vive em condições muito pouco dignas, passando por grande pobreza, e onde se verificam falhas a todos os níveis - tudo lhes falta (dinheiro, comida, habitação, etc.). São, muitas vezes, abandonados pelos próprios familiares que os acusam de feitiçaria e de darem má sorte, sendo a situação considerada um fenómeno cultural grave.

Na sua investigação, a mestranda tentou perceber quais as principais causas que concorrem para a existência de maus tratos a estes idosos, sendo que, para tal, debruçou-se sobre a situação de violência que é exercida sobre as pessoas idosas daquela ilha, na tentativa de compreender quais os factores influenciadores desses maus tratos.

Tal como refere o Bispo de São Tomé e Príncipe em entrevista ao jornal Bairrada Informação (2017),

> *"Quem vai a São Tomé o primeiro impacto que tem é o verde daquela ilha, o segundo é o acolhimento que sente por parte daquelas pessoas, mas em terceiro lugar é de facto a pobreza que está presente em todo o lado. É um país muito pequeno com cerca de cento e noventa mil habitantes que não tem praticamente recursos económicos"* (Bispo D. Manuel António dos Santos, 2017).[4]

D. Manuel António dos Santos acrescenta ainda que tinha uma ideia errada sobre África, pois acreditava que era um continente em que se reconhecia a autoridade dos mais velhos, em que se dava valor à sua sabedoria.

No entanto, para D. Manuel, esta ideia desvaneceu-se a partir do momento em que percebeu a necessidade de abrir um lar em São Tomé devido a se ter constatado que existia um grande número de idosos que sofriam de maus tratos.

[4] https://www.bairradainformacao.pt/2017/12/07/s-tome-os-idosos-e-as-criancas/

E acrescenta ainda D. Manuel que embora não existam referências estatísticas, este parece ser um fenómeno cultural grave pois há muitos idosos abandonados, sujeitos a maus tratos físicos e psicológicos, sendo despejados das suas casas, maltratados e abandonados.[5]

Com efeito, os idosos são um grupo bastante vulnerável no país, vivendo a sua maioria em condições de grande pobreza não conseguindo sequer assegurar uma alimentação saudável e digna. Neste país vive-se uma situação de abandono e abuso dos idosos, que, muitas vezes, são acusados de feitiçaria pelos seus próprios familiares dizendo que os mesmos lhes dão má sorte. Muito embora não existam referências estatísticas, a situação é considerada um fenómeno cultural grave.

Tal como refere o Bispo na entrevista de 2017 ao jornal Bairrada Informação, a Igreja está muito presente nas estruturas de desenvolvimento social de São Tomé encontrando-se ao serviço da população em geral, mas sobretudo dos mais carenciados.[6]

No que se refere às mulheres mais velhas estas são muitas vezes chamadas "feiticeiras" bastando para isso que uma pessoa "sonhe" que uma delas estava a fazer mal aos seus filhos ou netos (e muitas vezes basta que as mulheres já tenham os cabelos brancos!). Por isso, neste caso, as mulheres ao ficarem grisalhas podem tornar-se num problema em algumas comunidades, sobretudo nos lugares mais pobres.

Mas este fenómeno não é recente, embora esteja a agravar-se junto daqueles que não têm recursos. Há uma franja muito pequena da população que tem direito a reforma, e esse valor, que de tão diminuto que é nem chega para o dia-a-dia, acaba por levar muitos idosos para a mendicidade.

Atualmente, as pessoas têm muitas dificuldades e por isso não conseguem manter o idoso consigo em casa e então utilizam a expulsão como única forma de se livrarem do que, para eles, é visto como um fardo, como por exemplo o facto de terem mais uma boca para alimentar, sendo frequente encontrar idosos a pedir junto aos mercados da capital de São Tomé. E são precisamente estes idosos os mais vulneráveis aos maus tratos e às acusações de feitiçaria![7]

Tal como refere Silva (2018), em S. Tomé e Príncipe, muitos homens e mulheres idosos vivem sob o estigma de serem feiticeiros(as). A idade avançada e os comportamentos não considerados naturais, como por exemplo o facto de andarem já

[5] https://www.bairradainformacao.pt/2017/12/07/s-tome-os-idosos-e-as-criancas/
[6] Idem
[7] https://www.publico.pt/2018/10/14/mundo/reportagem/o-ultimo-dos-roceiros-1847076

curvados e também por muitos viverem sozinhos, são justificações para que os velhos carreguem a marca de serem "feiticeiros".

Assim, o seu destino é serem sujeitos ao abandono e também a diversos tipos de violência, donde se destaca a negação de uma vida digna em companhia dos seus familiares que já não os querem, ficando com todos os seus pertences.

São obrigados a sair de suas casas, ficando na rua e são também maltratados fisicamente. Perdem o seu lugar social, lugar que tradicionalmente lhes era atribuído pelo saber ancestral e pela transmissão de experiências que vinham guiar novos homens e mulheres (Silva, 2018).

Como podemos ver nos testemunhos seguintes, algumas mulheres referem de forma muito dolorosa os maus tratos a que foram (e são) sujeitas. Os primeiros a acusá-las da prática de feitiçaria são os seus familiares que por isso as abandonam. Muitas vezes, após anos e anos de sofrimento as idosas são levadas para asilos ou casas de misericórdia onde acabam esquecidas por todos (Silva, 2018):

> Amélia: *"Eles chamam feiticeira às pessoas que têm certa idade. Dizem, esta senhora é feiticeira, não se aproximem dela porque ela já é velha e os velhos são feiticeiros. Eles não me tratam tão mal assim. Só dizem essas coisas. [...] Chamam-me de feiticeira dói. Não me sinto bem. E eu digo que também eles vão ficar velhos um dia. E digo-lhes que peçam a Deus para chegarem à minha idade. Fico triste. Não me meto com as crianças deles. Agora nem se pode brincar com as crianças. Se brinca com as crianças, é porque é-se logo feiticeira. Se a criança tem febres, diz-se que a culpa é nossa. Portanto, deve-se ficar longe." (...) São as crianças que me vão buscar água para eu beber. As crianças brincam comigo, gritam pelo meu nome. "Senhora Amélia" Senhora Amélia". Elas oferecem-me mangas e depois vão embora". (Lima, 2017, cit Silva, 2018).*

> Hermínia (Praia Melão – viveu no Príncipe durante 39 anos): *"Uma moça chamada Nija foi dizer à minha tia que eu sou feiticeira, e que eu era a causa das doenças no seio da família. Quando aqueles dois rapazes filhos da senhora que estava doente chegaram, bêbados e liambados e me viram sentada, um deles deu-me um soco aqui. (...) Outros parentes também parentes deles, deram-me cacetadas na testa. Espancaram-me sem razão. (...) Como pode lançar contra mim tamanha acusação de feiticeira? Por causa de tudo isso eu quis me envenenar. Mas disseram-me para não fazer porque se a polícia soubesse da minha intenção, eu seria presa. Portanto não sei o que fazer da vida." (Lima, 2017, cit Silva, 2018).*

> Catarina: *"Quando vamos a Bombom, as pessoas escondem as suas crianças e chamam-nos de feiticeiras. (...) Chamam-nos todos de feiticeiras, só porque não temos filhos. Não deixam as crianças se aproximarem de nós. Tudo por causa da idade. Quando eu era nova ninguém me chamava de feiticeira. (...) Quando estive a morar na Trindade, amotinaram-se contra mim, espancaram-me como bem quiseram e a família trouxe-me cá para a*

> *Casa da Cruz Vermelha. Fui espancada na Trindade e ninguém me socorreu. Não morri por vontade de Deus". (Lima, 2017, cit Silva, 2018).*

A realidade dos idosos em São Tomé e Príncipe é um problema social e, como tal, há necessidade de combatê-lo. Como refere Silva (2018) o caminho possível é a educação, mas nenhuma medida até agora teve qualquer efeito. Os desníveis sociais, a pobreza extrema, a falta de assistência aos mais necessitados e, sobretudo, os desníveis económicos parecem ser as causas e os fatores que levam uma população de idosos a não terem qualquer perspectiva de mudança.

Assim continuam em sofrimento e, segundo o que afirmam as instituições governamentais, muitos acabam por acreditar que podem mesmo encontrar amparo nos vários rituais de "feitiçaria" (Silva, 2018).

As medidas de proteção por parte do Estado são escassas, o que acaba por fomentar os idosos a procurar os antigos rituais, tais como os benzimentos e os remédios feitos pelos curandeiros como via de salvação (Silva, 2018).

5. A intervenção do Serviço Social junto dos idosos

O Serviço Social procura desenvolver políticas que visem o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida, intervindo nos problemas e nas consequências que estes têm para as pessoas. No que respeita ao Serviço Social com idosos podemos referir que são os assistentes sociais que procuram promover uma melhor adaptação destas pessoas, bem como de suas famílias (sempre que isso é possível), auxiliando-os na solução dos seus problemas. Os Direitos Humanos estão na base dessa intervenção assente nos princípios da dignidade humana e justiça social.

Neste contexto,

> *"O Serviço Social tem como objeto da ação a cidadania, e como objetivo intervir na realidade social, melhorando as condições de vida dos indivíduos e grupos, capacitando-os para a mudança social, de modo a aumentar a seu bem-estar social, tendo como base uma ética inscrita nos valores e nos direitos humanos, respeitando as diferenças, exercitando práticas sociais não opressivas e emancipadoras, potenciadoras da participação social"* (Carvalho, 2012, p.24).

Um referencial importante a ter em conta na intervenção dos assistentes sociais com pessoas idosas é a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos. Nesta

destacam-se os princípios relativos ao respeito pelas características étnicas, religiosas, culturais e sociais dos indivíduos, bem como os princípios da autonomia e da responsabilidade individual e do consentimento informado, da integridade, da proteção da sua vida privada, que devem ser alvo de atenção sobretudo nos casos das pessoas idosas em situação de maior fragilidade, bem como a necessidade de reconhecer e enfrentar todas as múltiplas formas de discriminação e opressão a que as pessoas idosas estão muitas vezes sujeitas (UNESCO, 2006).

Segundo Ribeirinho (2013), *"muitos assistentes sociais sentem-se desvalorizados pela falta de importância que é atribuída ao trabalho com pessoas idosas"* (p.177), apontando que as razões podem ser várias tais como a ideia negativa que se tem da velhice, a vulnerabilidade e dependência que é atribuída aos idosos, o que pode afectar a forma como os profissionais vão intervir junto desta população.

Para Dominelli *cit* Ribeirinho (2013, p.177), *"as pessoas idosas constituem um importante grupo com necessidade de serviços de cuidados sociais, mas que tem sido socialmente desvalorizado"* (p.177), e, acrescenta, que os assistentes sociais têm de ser interventores críticos, pró-ativos e reflexivos e haver um compromisso para transformar as relações sociais *"de desiguais para igualitárias",* promovendo a justiça social.

"O referencial central da intervenção do Serviço Social com pessoas idosas é o da dignidade humana, ao reconhecer o seu valor intrínseco enquanto indivíduo, enquanto ser único" (Ribeirinho, 2013, p 179). O assistente social tem de ter sempre em conta que uma pessoa idosa pode estar a sofrer alguma forma de opressão.

6. O Serviço Social na prevenção de maus tratos aos idosos

Guadalupe (2010) refere que a profissão de assistente social se rege pela promoção da mudança social, e resolução de problemas sociais, procurando a capacitação e emancipação dos indivíduos promovendo o seu bem-estar, tendo presente os princípios dos direitos humanos e da justiça social.

Os assistentes sociais, no exercício da sua função devem promover a mudança social dos indivíduos e a resolução dos problemas visando o reforço da autonomia das pessoas, promovendo o seu bem-estar, alicerçando a sua prática em teorias do comportamento humano e dos sistemas sociais, assente nos princípios dos direitos humanos e da justiça social (FIAS, 2014).

Como refere Carvalho (2011), *"os profissionais conseguem identificar indicadores de violência sobre os idosos"*, sobretudo se estes forem visíveis (*violência física, negligência e abandono)*, (p.61). Mas este fenómeno, segundo a mesma autora (p.62), *pode ocorrer tanto junto da família como numa instituição* (muitas vezes ocorre até nos dois - família e instituição - o que acaba por ser uma dupla violência sobre as pessoas idosas). Daí a necessidade de não se dever ficar pela identificação destas situações de abusos e de maus tratos. É necessário que sejam criados programas que ajudem na prestação de cuidados, levando os profissionais a melhorarem os seus procedimentos com as pessoas idosas (Carvalho, 2011).

CAPÍTULO III – A METODOLOGIA

Neste estudo a mestranda abordou a questão da violência exercida sobre as pessoas idosas na ilha de São Tomé, tentando identificar o fenómeno da violência que muitos idosos sofrem e que os leva a sentir tão desprezados e desvalorizados. Ao mesmo tempo, tentou também perceber o que leva as famílias destes idosos a maltratá-los, chegando ao ponto de os expulsar de casa e até de os deixar morrer sem lhes prestar qualquer assistência.

Esta fase da metodologia tem grande importância já que é aqui que o investigador determina os métodos e as técnicas que vai utilizar a fim de conseguir dar resposta à sua questão de investigação (Fortin, 1999).

Tal como afirma Fortin (1999, p.40) a metodologia vai *"assegurar a fiabilidade e a qualidade da investigação"*.

1. Pergunta de Partida

A autora Fortin (1999) salienta que a questão de investigação é a base sobre a qual se apoiam os resultados da investigação. Deve ser uma interrogação precisa, escrita no presente e deve incluir os conceitos em estudo.

Uma questão é uma pergunta de partida, e, como salientam os autores Quivy e Campenhoudt "*uma boa pergunta de partida deve poder ser tratada",* o que significa que se deve *"poder trabalhar eficazmente a partir dela, e em particular, deve ser possível fornecer elementos para lhe responder"* (2008, pp. 34-35).

Assim, a pergunta de partida que serviu de fio condutor ao longo de todo o processo de investigação foi a seguinte: ***Quais as principais causas que concorrem para a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé?***

2. Objetivos

Para uma melhor noção do que se pretende alcançar com este estudo foi fundamental definir os seus objetivos gerais que, segundo Guerra (2006), são objetivos que "d*escrevem grandes orientações e são coerentes com as finalidades do projeto, descrevendo as grandes linhas de orientação a seguir e não são, geralmente, expressos em termos operacionais, pelo que não há possibilidade de saber se foram ou não atingidos. Definidos para todo o projeto, são globalizantes, geralmente não são datados nem localizados com precisão, sendo, no entanto, formulados em termos de verbos de acção"* (p.164).

2.1 Objetivo Geral

Para efectivar a sua investigação, a mestranda pretendeu aprofundar o conhecimento existente sobre os maus tratos infligidos aos idosos que posteriormente são abandonados pelas suas famílias na Ilha de São Tomé.

Numa investigação é muito importante determinar os objetivos gerais, já que estes *"são aqueles propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do projecto"* (Espinoza, 1986, *cit* Serrano, 2008, p.45).

Assim sendo, o objetivo geral desta investigação é: Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé.

2.2 Objetivos Específicos

No que respeita aos objetivos específicos estes são *"mais concretos que os objectivos gerais, identificam de forma mais precisa aquilo que se pretende alcançar com a execução do projecto"* (Serrano, 2008, p.46), e foram definidos os seguintes:

1. Caraterizar o fenómeno dos Maus Tratos aos Idosos na ilha de São Tomé;
2. Caracterizar o perfil das famílias e dos idosos que foram abandonados pelas suas famílias, nomeadamente os residentes no Lar da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé;
3. Compreender até que ponto existe uma relação entre idosos maltratados e determinadas crenças socioculturais que levam os familiares dos mais velhos a infligirem-lhes maus tratos.

3. Os métodos e as técnicas

Para Serrano (2008, p.25), a metodologia é,

> *"Um conjunto de atividades a desenvolver, ou seja, as associações e os procedimentos que é necessário realizar para alcançar as metas e os objetivos propostos. Não podemos esquecer que o método é o caminho escolhido para a obtenção de um fim"*.

Dado que a presente dissertação tem como tema a violência exercida sobre as pessoas idosas, a parte prática debruçou-se sobre a realidade desta temática vivida na ilha de São Tomé, onde os maus tratos aos idosos são uma constante, e partiu do estudo realizado na própria ilha, tendo a mestranda ali permanecido cerca de um mês.

Assim, tentou-se caraterizar o fenómeno dos Maus Tratos aos Idosos na ilha de São Tomé, bem como o perfil das famílias e dos idosos que são maltratados e abandonados. Tentou-se igualmente compreender até que ponto existe uma relação

entre idosos maltratados e determinadas crenças socioculturais que levam os familiares dos mais velhos a infligirem-lhes maus tratos.

Para tal, optou-se por uma metodologia qualitativa, tendo-se desenvolvido um estudo de caso, onde se utilizaram técnicas de pesquisa documental e bibliográfica, e de observação (direta e participante). Recorreu-se igualmente à aplicação de entrevistas semiestruturadas a uma amostra de 8 idosos institucionalizados.

Para complementar foram também entrevistadas 4 Técnicas de várias instituições sociais e foi ainda aplicada uma entrevista ao Bispo de São Tomé. Depois da realização das entrevistas procedeu-se à análise e interpretação de dados, apresentando-se no final os respetivos resultados, onde podemos concluir que as diversas fontes de evidência indicam a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé e que os mesmos são derivados da situação de extrema pobreza em que estas pessoas vivem, sendo também possível perceber que o aumento do número de idosos pobres os torna mais vulneráveis ao abandono e à solidão.

Optou-se por desenvolver um estudo de caso, pois tal como afirma Vilelas, (2009), *"este tipo de estudos enquadram-se numa abordagem qualitativa e são estudos nos quais o caso tem de ser representativo do problema ou fenómeno que se pretende estudar (...)"* (pp.140-148).

Num estudo de caso o investigador vai procurar compreender, explorar ou descrever acontecimentos, obtendo informações através de documentos, registos em arquivo, entrevistas, observação direta, observação participante, entre outros. Como refere Yin *"um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos"* (2003, p. 32).

Uma das características de um Estudo de Caso é a possibilidade de se obterem informações a partir de um conjunto de fontes de evidência (Yin, 2003). Para este autor *"as várias fontes são altamente complementares, e um bom estudo de caso utilizará o maior número possível de fontes"* (2003, p. 107).

As técnicas utilizadas nesta investigação incluíram a observação direta, a observação participante, a pesquisa documental e bibliográfica, a aplicação de entrevistas, sua análise e interpretação dos dados e, por fim, a apresentação dos resultados.

Quanto à observação direta, o investigador apenas observa obtendo e recolhendo os dados, mas sem ter qualquer interferência no grupo. Já na observação

participante, o investigador participa em diversas atividades, envolvendo-se com o grupo em estudo, tal como refere Yin (2003), quando afirma que,

> *"A observação participante é uma modalidade especial de observação na qual você não é apenas um observador passivo. Em vez disso, você pode assumir uma variedade de funções dentro de um estudo de caso e pode, de fato, participar dos eventos que estão sendo estudados. (...) A técnica também pode ser usada em ambientes mais ligados ao nosso dia-a-dia, como em uma organização ou outro grupo pequeno"* (p. 116).

Com efeito, para além da observação direta, em que a mestranda foi observando e recolhendo os dados sempre que estava junto do grupo em estudo, fez também observação participante, tendo inclusive havido um grande envolvimento com o grupo de idosos institucionalizados. Pata tal, a mestranda deslocou-se por várias vezes a cada uma das instituições, tendo sido possível acompanhar de perto toda a dinâmica diária, nomeadamente durante a visita das suas directoras a alguns idosos que se encontravam acamados, bem como manter alguma conversação com os mesmos percebendo que muitos deles, ao serem rejeitados e maltratados pelas suas famílias, acabaram por ficar ao abandono pelas ruas.

No que respeita à pesquisa documental e bibliográfica: quanto à pesquisa documental esta é uma técnica de recolha de dados que visa selecionar, tratar e interpretar a informação existente, normalmente em suporte escrito (memorandos, cartas, relatórios escritos, correspondência electrónica, recortes de jornal, estudos, etc.), ou ainda através de vídeo ou de áudio. Já a pesquisa bibliográfica tem como objetivo *"descobrir textos (livros, artigos, documentos) sem omitir uma referência essencial, mas sem se deixar submergir pelo que não tem interesse"* (Albarello *et al.*, 1997, p. 30).

O objetivo destas pesquisas foi o de aprofundar os conhecimentos relativamente ao tema em estudo, e para tal, foram realizadas pesquisas em bibliotecas, procurando-se também outros apoios em *sites* institucionais, em artigos e em notícias, entre outras fontes de informação.

A aplicação de entrevistas: Yin (2003) considera que uma entrevista é *"uma das mais importantes fontes de informação para um estudo de caso"* (p. 112). Nesta investigação optou-se pela aplicação de entrevista semidirectiva, que é uma entrevista que decorre frente a frente (entrevistador-entrevistado), assemelhando-se a uma conversa informal, em ambiente de espontaneidade.

Foram solicitadas autorizações para entrevistar idosos dos Lares da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé e da Cruz Vermelha, tendo sido autorizados a responder

às entrevistas 2 idosos do Lar Palmar (Cruz Vermelha) e 6 idosos do Lar Dona Semôa da Santa Casa.

Para complementar a entrevista realizada a esta amostra de 8 idosos, foram ainda entrevistados, depois de concedida autorização, o Bispo de São Tomé, as Directoras Técnicas dos Lares da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé e Lar da Cruz Vermelha, a Rede de Mulheres Parlamentares e ainda a Directora Técnica do Projecto Integrado para o Desenvolvimento de Lemba.

No que respeita às entrevistas foram elaborados em primeiro lugar os respectivos guiões conforme apêndices 2 e 3. As entrevistas foram aplicadas seguindo assim uma metodologia qualitativa.

Em primeiro lugar, foram aplicadas entrevistas ao total dos 8 idosos: 6 idosos que se encontram no Lar da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé e Príncipe e 2 idosos no Lar Palmar da Cruz Vermelha, conforme o guião de entrevista (apêndice 2).

Seguidamente, foi aplicada uma entrevista ao Sr. Bispo de São Tomé seguindo-se as entrevistas aos restantes técnicos das Instituições já referidas.

A todas as Instituições foi apresentado o pedido de autorização para o estudo conforme o modelo em apêndice 1.

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

A fim de poder recolher todos os elementos necessários para a realização desta investigação, a mestranda deslocou-se a São Tomé e Príncipe, onde permaneceu três semanas durante o mês de julho de 2020.

Ali teve a oportunidade de visitar as Instituições onde o estudo decorreu e onde foram aplicadas as entrevistas.

Depois das entrevistas realizadas fez-se a sua transcrição, e em seguida imprimiram-se, tendo-se procedido à sua leitura, resumindo-se e elaborando-se uma análise dos temas do guião de entrevista, tal como sugere Guerra (2006), apresentando-se uma análise das entrevistas onde se descrevem as situações e se interpreta o que foi dito.

A entrevista, pelas suas características de proximidade entre entrevistado e investigador vai permitir obter informações e elementos de reflexão muito mais ricos do que, por exemplo, o uso do método por questionário. O facto de a entrevista decorrer frente a frente e a conversa poder ser conduzida e orientada pelo investigador facilita que o entrevistado exprima as suas emoções e relate as suas experiências, tal com refere Guerra (2006).

Ao realizar a entrevista, o entrevistador deverá indicar claramente o objetivo da mesma, bem como pedir autorização ao entrevistado caso opte por fazer uma gravação de voz. Com efeito, todas as entrevistas foram gravadas, utilizando-se para isso o gravador de áudio do telemóvel, depois de devidamente autorizado.

Foi assegurado a confidencialidade absoluta, garantindo-se que os dados recolhidos se destinavam apenas a este estudo.

1. A análise das entrevistas aos Idosos

⇨ Caracterização dos idosos por idade, género, estado civil, profissão, situação familiar, e escolaridade

Quadro 2: Caracterização dos Idosos

Entrevistado 1: 73 anos; solteiro; foi agricultor e artesão; teve 10 filhos, mas agora só tem 1; tem a 3ª classe. Recebe pensão de reforma.

Entrevistado 2: 84 anos; solteiro; funcionário da Câmara; sem filhos; frequentou a escola Viana da Mota. Recebe pensão de reforma.

Entrevistado 3: 71 anos; solteiro; funcionário da Empresa de Água e Electricidade ; 7 filhos; tem a 4ª classe. Recebe pensão de reforma.

Entrevistada 4: 66 anos; solteira; foi trabalhadora da Roça Ponte Figo ; teve 3 filhos, mas agora só tem 1; nunca frequentou a escola. Não recebe qualquer pensão.

Entrevistada 5: 74 anos; solteira; foi trabalhadora agrícola sazonal; 3 filhos; nunca frequentou a escola. Recebe pensão da assistência Social.

Entrevistado 6: 83 anos; solteiro; foi trabalhador com multifunções da Uba-Budo; tem 4 filhos; frequentou a escola. Recebe pensão de reforma.

Entrevistado 7: 91 anos; solteiro; foi pescador; tem 1filho; nunca frequentou a escola. Recebe pensão da assistência Social.

Entrevistada 8: 65 anos; solteira; foi trabalhador na Roça; teve 8 filhos, mas agora só tem 1; não frequentou a escola (tentou frequentar as aulas de alfabetização depois da independência, mas não se adaptou e desistiu. Recebe pensão de reforma.

Fonte: Dados recolhidos nas entrevistas aos idosos.

⇨ Motivo e data da institucionalização e as relações com a família:

Quadro 3: Institucionalização e relações familiares dos Idosos

Entrevistado 1	Estou no Lar há 5 anos. Vim para aqui por motivos de doença (tinha pressão alta e diabetes, vim para aqui porque havia sobrelotação no hospital). Aqui costumo receber visita de familiares e amigos.
Entrevistado 2	Estou há 7 anos. Vim para aqui por não ter casa para viver "não tive como comprar o terreno". Sempre vivi numa casa alugada. Aqui costumo receber visita de familiares e amigos.
Entrevistado 3	Estou no Lar há 2anos. Vim para aqui por motivos de maus tratos dos filhos. Eles obrigavam-me a levar-lhes um rendimento para casa o que eu não podia pois estava a ficar cego. Então expulsaram-me para fora de casa "ao relento" Fui pedir ajuda à Câmara Distrital e conseguiram trazer-me para o Lar. Aqui costumo receber visitas de familiares e amigos.
Entrevistada 4	Estou há 2 anos. Vim para aqui porque não tenho ninguém. Um dos filhos emigrou para Angola. Uma cunhada que a trouxe para cá também foi chamada de "feiticeira". Aqui só recebo visita dos filhos.
Entrevistada 5	Estou só há 15 dias. Vim para aqui por ser chamada de "feiticeira". Prenderam-me dentro de casa durante 3 meses e só conseguia sair de noite quando ninguém via. Os populares e seus familiares juntaram-se para a matar. Nunca recebe visitas no Lar.
Entrevistado 6	Estou há 19 anos, desde 2001. Vim para aqui por ter morrido a minha companheira. Aqui recebo visita dos amigos, às vezes.
Entrevistado 7	Estou aqui há 2 anos. Vim para aqui por ser maltratado pelos vizinhos que me atiravam pedras e chamavam "feiticeiro". Como passava o tempo com fome e a chorar vim pedir ajuda. Quando me abriram a porta fiquei muito contente, foi como se tivesse saído da prisão. Aqui nunca recebe visitas. Conta que quando um dia saiu de casa para procurar comida ao voltar foi agredido com pedras e por isso tomou a decisão de ir para o Lar. Tudo aconteceu por ter um gato preto em casa e um rapaz disse-me que ia matar o gato e depois lhe incendiava a casa.
Entrevistada 8	Estou há 2 anos. Vim para aqui por motivos de saúde. Aqui recebo visita do filho e de familiares.

Fonte: Dados recolhidos nas entrevistas aos idosos.

⇨ **Situação atual (sente-se feliz no Lar? O que mudou desde que entrou no Lar?)**

Quadro 4: Situação atual dos Idosos

Entrevistado 1	Não sou feliz no Lar. Só vim para aqui porque o Hospital não tinha vagas.
Entrevistado 2	Sim, aqui sou feliz.
Entrevistado 3	Sim, posso dizer que não estou mal. Mas também há coisas que não estão bem, tal como a comida que não é boa.
Entrevistada 4	Sim, eu sinto-me feliz aqui.
Entrevistada 5	Só estou aqui há 15 dias, mas gosto.
Entrevistado 6	Sim, estou feliz aqui. Tenho os meus filhos todos na América, cada um com a sua vida. E eu até já fui a Cabo Verde onde já não ia há 50 anos!
Entrevistado 7	Estou aqui há 2 anos e sinto-me feliz. Formei aqui um grupo cultural com todos os residentes do Lar. Tenho tudo o que preciso: 3 refeições diárias, banho, roupa lavada e cama limpa. Estou aqui como um Ministro! E tudo por causa daquele gato preto!!!
Entrevistada 8	No princípio, quando vim há 2 anos, não me sentia feliz. Mas agora sim, já me sinto muito bem.

Fonte: Dados recolhidos nas entrevistas aos idosos.

Foram realizadas as oito entrevistas semi-estruturadas aos idosos: duas entrevistas a idosos do Lar da Cruz Vermelha e seis entrevistas aos idosos do Lar da Santa Casa da Misericórdia. Do total dos oito entrevistados nos dois Lares, cinco são do género masculino e três do género feminino. As idades dos entrevistados situam-se entre os 65 anos para a mais nova e os 91 anos para o mais velho.

Como já referido foi utilizado o gravador como forma de registo, tendo-se a partir do mesmo procedido à transcrição integral das entrevistas. Posteriormente procedeu-se à leitura e análise, procurando-se os aspetos mais significativos e agregando-se em categorias.

Tendo em conta o guião das entrevistas e conforme o discurso dos entrevistados, delimitaram-se as seguintes categorias: 1. Caracterização dos idosos por idade, género, estado civil, profissão, situação familiar, e escolaridade; 2. Motivo e data da institucionalização, as relações com a família. 3. Situação actual (sente-se feliz no Lar? O que mudou desde que entrou no Lar?).

Quanto ao quadro 1 (caracterização dos idosos por idade, género, estado civil, profissão, situação familiar e escolaridade): podemos começar por referir que todos os entrevistados são solteiros. Esta é uma situação que parece ser muito comum na ilha, tal como refere Rodrigues (2004, p.32) "*o casamento formal não constitui uma prática comum para o estabelecimento de uniões entre homens e mulheres (...) 40% das pessoas são solteiras e apenas 3% são casadas (...) e as uniões de facto representam 26%".*

Quanto ao número de filhos, apenas o entrevistado 2 afirma não ter filhos. Dos restantes, todos tiveram vários filhos. O primeiro entrevistado declara mesmo que teve 10 filhos, mas *"nesse momento só tenho um"* (apêndice 4*)*. Esta é uma situação que se encontra com frequência sendo que, muitas vezes, um homem tem um número de filhos bastante elevado pois tem várias mulheres. E o homem, na maioria dos casos, nem sequer é responsável pelos filhos visto que cada mulher cuida dos seus próprios filhos, *"são as mulheres que se responsabilizam pelo sustento e educação dos filhos"* como refere Rodrigues (2004, p.27).

Assim, é à mulher que cabe, enquanto mãe, a responsabilidade de cuidar e educar os filhos pois tal como também salienta Rodrigues, (2004, p.26) *"na generalidade o pai é um ausente (...) o homem vai fazendo a procriação aqui e acolá, sem grandes compromissos "*.

Relativamente à frequência da escola, só quatro entrevistados dizem ter ido à escola. Como refere a entrevistada 8, foi abandonada pela mãe ainda *"muito criança"* pelo que nessa altura não frequentou a escola. Atualmente com 65 anos diz-nos que naquele tempo *"não havia escola e eu depois da independência frequentei a alfabetização, mas não me adaptei"* (apêndice 4). Em 1975 quando se deu a independência esta entrevistada foi para as aulas de alfabetização, mas nessa altura tinha cerca de 20 anos e já com filhos, pois segundo nos afirmou na entrevista teve 8 filhos, e, sendo solteira, deve ter passado bastantes dificuldades na sua vida. A situação de não frequência da escola é uma realidade em São Tomé, pois ainda hoje, e apesar do direito à educação já estar contemplado no artigo 55º da Constituição do país, o facto é que continua a existir uma grande percentagem de jovens que nunca frequentaram a escola (cerca de 20%), tal como referem Elba e Diogo (2015, *cit* Costa, 2019).

Quanto a receber pensão de reforma, de todos os entrevistados apenas a entrevistada 4 diz não receber qualquer pensão de reforma, embora afirme que foi trabalhadora numa Roça desde os 16 anos (Roça Ponta Figo). O entrevistado 6 refere mesmo o valor da sua pensão *"recebia 75.00 dobras antigas"* e agora "*recebo 600.00 dobras"* (apêndice 4). A entrevistada 5, de 74 anos, diz ter trabalhado na agricultura e em trabalhos sazonais e, como nos afirma, tem agora uma pensão da *"Assistência Social"*. Também o entrevistado 7, de 91 anos, diz ter sido pescador e a sua pensão é também da *"Assistência Social"*. Já os entrevistados 2 e 3 afirmam receber uma pensão de reforma por terem trabalhado na "*Câmara de água grande"* e na *"Empresa de água e eletricidade".*

Quanto ao quadro 2 (motivo da institucionalização e relações familiares dos Idosos), quatro dos entrevistados referem ter ido para o lar devido a problemas de saúde e também por não terem casa nem quem deles trate. O entrevistado 6 diz ter ido para o Lar devido a ter ficado sozinho pois a sua companheira faleceu.

Os restantes entrevistados referem que tiveram de ir para a instituição pois foram maltratados, sendo que um deles foi expulso de casa pelos próprios filhos e os outros foram acusados de feitiçaria e tiveram de procurar ajuda. Sem posses e com a suspeição de serem feiticeiros foram imediatamente rejeitados por todos. Tal como refere o Bispo D. Manuel (apêndice 5) "*o problema é a cultura do feitiço, e aqui em São Tomé os idosos maltratados vêm dessa cultura. Se eu tiver uma dor de cabeça, alguém tem de ser culpado e o mais normal é que seja a Maria que já tem 80 anos, vive sozinha e é pobre"*.

Para Rodrigues (2004, pp.37-38), associa-se um idoso à feitiçaria baseado na sua condição económica fazendo-se uma ligação *"(...) com a miséria e a pobreza que a aparência dos idosos e os seus actos revelam"*, e na maioria dos casos a acusação de feiticeiro é feita pelos próprios familiares (filhos, netos) e também pelos vizinhos.

O entrevistado 7, de 91 anos, veio para a instituição porque era maltratado pelos vizinhos que, tal como refere na entrevista *"atacavam-me com pedras e fui chamado de feiticeiro. Passava o tempo a chorar. Depois um dia vim pelos meus próprios pés pedir ajuda. Tinha muita fome e assim que aqui me abriram a porta senti-me muito contente. Foi como se tivesse saído de uma prisão"* (apêndice 4).

É ainda o Bispo D. Manuel (apêndice 5) que refere que *"todas as pessoas deveriam ser respeitadas e, sobretudo os idosos, e ninguém os deveria poder acusar de feiticeiros, independentemente da idade que eles tenham, sejam homens ou mulheres. Sei bem como os idosos vivem e sofrem neste país, mas, infelizmente não é só por causa da idade avançada, é também pelas constantes acusações de que são alvo*."

Com efeito, e tal como refere Rodrigues (2004), quando surge uma acusação de feitiçaria feita por uma determinada pessoa a um idoso, essa acusação espalha-se imediatamente e ninguém a vai confirmar (constitui-se mesmo um grupo de pessoas, o chamado núcleo de "acusadores"). Segundo a autora *"a falta de cultura leva a esses boatos e as pessoas não sentem necessidade de provar se é verdadeiro pelo que, a partir do momento em que se constitui o grupo de acusadores, torna-se praticamente irreversível a condenação pública de um idoso"* (p.43).

Quanto ao quadro 3 sobre a situação atual do idoso no Lar e o que mudou desde que ali chegou, de uma forma geral todos os idosos responderam que atualmente se sentem bem no Lar onde estão, embora o entrevistado 1 diga que só ainda está ali devido a não ter vaga no hospital, mas o facto é que já está no Lar há 5 anos!

Já o entrevistado 8 diz que no início não se sentia feliz no Lar, mas agora afirma que *"já me sinto muito bem"*. Tal como refere a directora do Lar da Santa Casa (apêndice 6) *"aqui tentamos dar as condições mínimas para garantir uma vida saudável aos idosos, mas não é igual à de um idoso que está integrado na sua própria família (...) e é um constrangimento vermos a situação de um idoso ao qual a família vê como um fardo!"*

A verdade é que o mais velho dos entrevistados (de 91 anos), e que foi acusado de feiticeiro, afirma que desde que está no Lar se sente feliz e que já criou ali um grupo cultural com os outros residentes. Sente-se tão bem, que até nos diz que *"aqui tenho*

tudo, faço as três refeições, roupa lavada, cama limpa, eu estou aqui como um ministro!" (apêndice 4). Isto significa que para além de ser bem tratado e ter comida e dormida, este idoso se sente agora em segurança, coisa que não tinha na sua casa antes de dar entrada no Lar. Apesar de ter uma casa onde vivia sozinho, ele era constantemente maltratado pelos vizinhos, que o atacavam com pedras e chamavam de feiticeiro. Isso levava-o a estar isolado de tudo e sempre que saía de casa era ameaçado e perseguido, a tal ponto que, como nos conta, um dia foi tentar arranjar comida e ao regressar a casa *"fui agredido com pedras devido a ter desaparecido um jovem pescador no mar".* Esta situação levou a que todos acreditassem que era obra dele visto ser considerado um feiticeiro.

Tal como refere Rodrigues (2004, p.37), *"a associação de um idoso à condição de feiticeiro tem por base elementos relativos à sua condição económica (...) está ligada à sua aparência que é devida à miséria e à pobreza em que vive. Assim quando sai à rua para pedir esmola é imediatamente chamado de feiticeiro".*

2. A análise das entrevistas ao Bispo de São Tomé e às Técnicas das Instituições sociais

Com a primeira questão colocada ao Bispo de São Tomé (D. Manuel António dos Santos), tentou-se obter opinião sobre os motivos que levam alguém a maltratar um idoso. Ora, no entendimento do entrevistado, (apêndice 5), há vários motivos (a pobreza, os problemas mentais, a questão económica). Mas salienta que um dos graves problemas é *"o abandono dos filhos, pois muitos pais não querem saber dos filhos. Esta situação acaba por trazer o retorno, isto é, os filhos mais tarde, não vão querer os pais a seu cargo".* D. Manuel acrescenta que tinha uma ideia errada sobre África, pois acreditava que era um continente em que se reconhecia a autoridade dos mais velhos, em que se dava valor à sua sabedoria. Mas esta ideia desvaneceu-se a partir do momento em que percebeu que houve necessidade de abrir um lar em São Tomé e Príncipe devido a se ter constatado que existia um grande número de idosos que sofriam de maus tratos.

Atualmente, as pessoas têm muitas dificuldades e por isso não conseguem manter o idoso consigo em casa e então utilizam a expulsão como única forma de se livrarem do que, para eles, é visto como um fardo, que é o caso quando têm mais uma boca para alimentar, sendo frequente encontrar idosos a pedir junto aos mercados na capital. São estes os mais vulneráveis aos maus tratos e às acusações de feitiçaria.

Com efeito, podemos verificar que a mesma opinião tem a Diretora técnica do Lar da Cruz Vermelha que refere que, em São Tomé, o que leva alguém a maltratar um idoso são sobretudo as questões económicas e as crenças (apêndice 7). Também a Irmã Lúcia, que dirige o Projecto Integrado para o Desenvolvimento de Lemba, nos afirma que "*as pessoas mais velhas são rejeitadas por não terem rendimentos e assim não podem contribuir para a casa. A família além de as maltratar também as rejeita, não as querendo em casa, visto não estarem aptas para produzir"* (apêndice 8). Quanto à resposta dada pela Diretora do Lar da Santa Casa da Misericórdia, a mesma vai de encontro às ideias manifestadas pelos restantes entrevistados, acrescentando que *"as estruturas familiares não existem mais"*, e há a ideia do velho que *"tem de pagar pelo que já fez antes"* (apêndice 6).

Relativamente à segunda questão – identificação de sinais indicadores de idosos vítimas de maus tratos, na opinião de D. Manuel *"há uma grande falta de laços familiares, as famílias não têm estrutura, e também não têm dinheiro, pelo que ter mais uma pessoa para alimentar faz toda a diferença e então abandona-se o velho ou a velha, que são os mais fracos"* (apêndice 5) E acrescenta que é *"um factor cultural, e com as mulheres, logo que têm cabelos brancos, são consideradas feiticeiras, mesmo ainda novas"*.

A falta de uma estrutura familiar leva a que os laços familiares sejam muito pequenos. Isto não é fácil de contornar porque é uma crença cultural transversal, *"é tremendamente cultural"* como nos diz o Bispo D. Manuel (apêndice 5). E quem sofre são os idosos, porque não se podem defender tão bem, sobretudo se for mulher, como nos refere o Bispo, acrescentando ainda que *"ao nível das mulheres, encontram-se pessoas ainda muito novas que são acusadas de feitiçaria, mesmo muito novas, às vezes até com 20 anos!"*.

Com efeito, e tal como refere a senhora Parlamentar entrevistada da Rede das Mulheres Parlamentares na sua resposta a esta questão, *"as acusações de feitiçaria são uma constante entre os mais idosos, e por isso vivem com medo de contar que são vítimas de maus tratos"*. E se vier a público que um idoso é feiticeiro até os seus próprios vizinhos vão querer linchá-lo. Salienta ainda esta entrevistada que *"o linchamento é mais comum nas mulheres idosas"* (apêndice 9).

No entanto também aparecem alguns homens que são acusados de feitiçaria. Veja-se o caso do entrevistado 7 (apêndice 4), que há 2 anos conseguiu entrar no Lar da Santa Casa, depois de ter sofrido maus tratos, e na rua até foi apedrejado devido a ser acusado de feiticeiro. Podemos constatar que, de uma forma geral também as respostas

das Diretoras técnicas que foram entrevistadas vão ao encontro da resposta do Sr. Bispo, pois todas afirmam que os idosos vítimas de maus tratos são pessoas que vivem em situação de pobreza extrema, e por já não trabalharem acabam abandonados pelos seus filhos ou familiares, não existindo para eles outra solução senão ir *"viver na rua".* Este é o grande sinal que, segundo os nossos entrevistados, é o primeiro indicativo de que um idoso é vítima de maus tratos e de abandono.

Infelizmente muitos idosos são também portadores de graves doenças, sem acesso a qualquer tratamento, acabando muitas vezes por serem vítimas de violação e de abuso sexual. E falam ainda das crenças que existem nesta cultura. Muitos idosos pobres acreditam que são feiticeiros, ou que os seus vizinhos o são, porque a cultura existente em São Tomé é esta. Tal como o Bispo D. Manuel já havia referido *"esta é uma crença que está enraizada na cultura deste povo e é transversal"* (apêndice 5).

Na terceira questão colocada, perguntámos se existem características comuns nos idosos vítimas de maus tratos, ao que o Bispo referiu que considera que a situação de pobreza extrema vivida por muitas famílias em São Tomé é bem o retrato disso. Tal como refere D. Manuel *"sim, como já referi, a pobreza extrema, a falta de estruturas familiares são as principais características. A verdade é que os laços familiares são muito pequenos"* (apêndice 5).

Há, no entanto, que realçar que os maus tratos e o abandono dos idosos por parte dos seus filhos poderá não estar apenas relacionado com a questão económica. Tal como refere a Directora do Lar da Santa Casa (apêndice 6) essa situação pode ser motivada pelo facto do filho, enquanto criança, ter sido abandonado pelo pai, pois *"há homens idosos que nunca deram um apoio nem acompanharam os filhos enquanto cresciam e então agora depois de velhos os seus filhos não os querem, não querem mesmo saber deles! (...) Um homem que abandona a família na altura que mais precisa e nunca esteve presente quando foi necessário, depois as coisas invertem-se ele se torna idoso e é o filho que agora o abandona"*.

O Sr. Bispo refere igualmente esta situação na sua entrevista quando diz que *"aqui também tem um problema grave que é o abandono dos filhos. Os pais não querem saber dos filhos. A verdade é que os progenitores não querem saber dos seus filhos!"* (apêndice 5).

Também todas as respostas dadas pelas Diretoras técnicas entrevistadas nos referem sempre a grande pobreza das famílias, que são compostas por muitos membros, o que acaba por ser muito complicado, pois quando faltam as condições económicas falta tudo. A Directora da Santa Casa salienta também a questão das mães que são

obrigadas a criar os seus filhos sozinhas devido a terem sido abandonadas pelos homens, que se esforçam a via toda, mas que, em muitos casos os filhos vão, mais arde, dar reconhecimento: *"por outro lado temos também os filhos que criam mais condições para apoiar a mãe, dão mais atenção à mãe pois foi esta que se sacrificou muito na vida, andou a lavar a roupa, já sacrificou muito para cuidar dos filhos sem a presença do pai."* (apêndice 6).

Depois existe o medo, muitos idosos vivem com medo e debaixo de grande pressão, pois para além de terem sido maltratados, abandonados e atirados para viver na rua, ainda sofrem as acusações de serem feiticeiros. Tal como refere a senhora Parlamentar da Rede de Mulheres Parlamentares (apêndice 9), *"às vezes é difícil identificar os sinais de maus tratos porque os próprios idosos têm receio de contar às pessoas que são vítimas com medo de represálias, isto quando é no seio familiar e infelizmente tem sido bastante frequente. Entretanto quando é público às vezes chega ao extremo pois são considerados e chamados de feiticeiros e os vizinhos ou moradores da comunidade onde vive o idoso acham que o(a) mesmo(a) deve ser linchado. E esse linchamento é mais frequente contra as mulheres idosas".*

Na quarta questão, quando perguntámos se o Sr. Bispo nos poderia dar uma definição de maus tratos contra os idosos, a resposta do entrevistado foi que "os maus tratos aos idosos podem ir desde violência psicológica, a acusa*ção de feitiçaria, são abandonados pelos filhos, sujeitos a agressões físicas e em alguns casos estas agressões são de tal ordem que podem levar à morte da pessoa idosa"* (apêndice 5).

Também na resposta dada pela Parlamentar entrevistada (apêndice 9) podemos encontrar referência às agressões físicas, mas acrescenta também as psicológicas. Esta entrevistada da Rede de Mulheres Parlamentares destaca ainda que *"não alimentar os idosos nem cuidar da sua higiene também deve ser considerado uma situação de maus tratos"*. Quanto às respostas dadas pelas Diretoras técnicas a esta questão (apêndices 6, 7 e 8), percebemos que vão ao encontro dos anteriores entrevistados, referindo sempre a *"situação de abandono pelos familiares"*, bem como "*as agressões físicas e verbais"*.

Na questão cinco**,** em relação ao facto de acreditarem que os idosos são feiticeiros, o Sr. Bispo respondeu que em São Tomé existe essa cultura do feitiço que está enraizada, e *"todos os idosos vieram dessa cultura e vivem nela"*. "*Aqui em São Tomé tem de haver sempre alguém culpado das coisas que acontecem"*, acrescenta D. Manuel (apêndice 5). E exemplifica dizendo que *"se eu tiver uma dor de cabeça*

alguém tem culpa disso, e a culpada pode ser a Maria que tem 80 anos, vive sozinha e é pobre".

Por outro lado, o nosso entrevistado chama-nos a atenção para a idade dos acusados de feitiçaria que estão a ser cada vez mais novos (antes eram os de 80 ou mais anos e agora já há muitas pessoas bem mais novas, com 50, 40, e até de 20 anos). E refere ainda que, *"por exemplo em Portugal, quando uma pessoa mais nova está doente os médicos podem diagnosticar-lhe uma doença do tipo demência, mas em São Tomé uma situação idêntica é imediatamente vista como tratando-se de uma pessoa que é feiticeira" (apêndice 5).* E são as próprias pessoas que não negam que são feiticeiras, e aquelas que acham que não o são, acreditam que, por exemplo, o seu vizinho é. Depois há a questão das mentalidades pois mesmo pessoas com estudos e que têm os seus empregos acreditam que estes pobres são feiticeiros.

Aqui podemos referir a resposta dada pela Diretora do Projeto Integrado para o Desenvolvimento de Lembá (apêndice 8) que nos diz a certo ponto que *"só os idosos pobres são considerados feiticeiros"*, mas, acrescenta, *"qual a razão de serem apenas os pobres? Os ricos, que vivem em boas casas não são chamados de feiticeiros porquê? "*Infelizmente, como refere, chamarem os idosos de feiticeiros é uma justificação que foi encontrada para os colocarem de parte quando são pobres. O idoso que já não tem condições para ajudar a família é então rejeitado e passa a ser visto como feiticeiro.

Por fim, na última questão, quando perguntamos ao Sr. Bispo o que desejaria que fosse feito em favor dos idosos da ilha de São Tomé, o entrevistado respondeu que o seu maior desejo é que *"esta mentalidade deixasse de existir e que todos fossem respeitados e bem tratados. Todas as pessoas deveriam ser respeitadas e, sobretudo os idosos, e ninguém os deveria poder acusar de feiticeiros, independentemente da idade que eles tenham, sejam homens ou mulheres"* (apêndice 5*).* Refere ainda D. Manuel que sabe perfeitamente como os idosos vivem e sofrem neste país, mas, infelizmente não é só por causa da idade avançada, nem pela falta de dinheiro, é também pelas constantes acusações de que são alvo. Daí o seu grande desejo de mudança de mentalidades. E ao nível dos idosos o que mais quer, diz-nos o nosso entrevistado *"que gostaria de os ver bem tratados, cuidados e respeitados"* (apêndice 5*).*

Também a Parlamentar que entrevistámos (apêndice 9) nos respondeu a esta questão salientando que *"há necessidade de se criarem mais centros de acolhimento destinados aos idosos, sendo que estes centros devem ter uma maior intervenção do*

Estado". Acrescenta ainda que *"quem pratica maus tratos sobre os idosos deve ser duramente penalizado"*.

Por sua vez a Diretora do Lar da Santa Casa da Misericórdia (apêndice 6) acredita que "*só com uma sensibilização massiva se conseguirá proteger os idosos"*. Para esta técnica, um idoso é alguém que tem de ser protegido, é alguém com uma grande experiência de vida e "*nós nem paramos para o escutar!".* Refere também que os idosos são muito marginalizados pelos próprios familiares e que estes nem sequer os visitam no Lar. Por isso, termina afirmando que no seu entender ao aumentar o número de Instituições também aumentarão os idosos maltratados pois as famílias querem ver-se livre deles e vão abandoná-los ainda mais.

A Diretora do Projeto Integrado para o Desenvolvimento de Lembá (apêndice 8) afirma que os idosos que visita nos domicílios, onde leva um cabaz mensal, *"necessitam muito de ajuda pois a maior parte vive no limiar da pobreza e muitos estão doentes"*. Os que vivem com familiares têm falta de condições pois vivem todos juntos, pais, filhos, netos. Vivem em locais de difícil acesso, na maior pobreza. E diz-nos: *"mesmo que queiramos ajudar mais, não conseguimos, porque também não temos forma de o fazer, apesar de recebermos ajudas externas, por exemplo de Portugal do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social"*. Para além da ajuda domiciliária que presta a 70 idosos, este projecto integra também 20 idosos em Lar. As necessidades são muitas e as ajudas esgotam de imediato. Para esta Técnica deveriam existir mais Centros de Apoio aos idosos em São Tomé, pois acredita que talvez assim estes *"deixassem de ser vistos como feiticeiros e passassem a ser tratados como pessoas!"*.

3. As conclusões do estudo

Através da análise das entrevistas realizadas a uma amostra de 8 idosos (3 mulheres e 5 homens), complementadas pelas entrevistas realizadas ao Bispo de São Tomé e a 3 Directoras Técnicas de Instituições Sociais e ainda a uma Parlamentar da Rede de Mulheres Parlamentares, podemos concluir que as principais causas que concorrem para a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé estão relacionadas com a pobreza extrema vivida por estas pessoas. A verdade é que, com o aumento da pobreza *"os idosos tendem a constituir um grupo vulnerável ao abandono e à solidão"*, como refere Rodrigues (2004, p.3).

Na entrevista realizada ao Bispo de São Tomé (apêndice 5), conseguimos perceber a sua grande preocupação relativamente à situação vivida pelos idosos que para além de serem tão pobres, ainda se tornam vítimas de agressões pela sua própria

família. A estrutura familiar não existe pelo que estes idosos acabam por ser abandonados, ficando completamente sós.

A sorte, para muitos deles, é conseguirem ser admitidos numa Instituição, embora isso não seja fácil, tal como nos refere a Diretora do Lar da Santa Casa da Misericórdia (apêndice 6) *"os que estão na lista de espera para entrar têm de esperar que um dos idosos morra cá dentro. A pobreza é muita e então o idoso é incentivado a produzir ou então tem de sair de casa e ir para o lar. A baixa situação económica a nível geral dos familiares, para além do número de filhos que têm, a maior parte das vezes não têm condições e as famílias tentam desfazer-se do idoso. Sem condições financeiras não conseguem aguentar um idoso porque ele tem custos elevados, não é só a alimentação, é a falta de saúde, são os medicamentos, as idas ao hospital. Depois é necessário dar atenção, carinho, estar disponível para o idoso e para lhe dar esse tipo de acompanhamento".* Aliás o facto de a Instituição não conseguir dar resposta ao número de pedidos para entrada no Lar é um dos constrangimentos com que esta técnica se depara diariamente, notando-se a sua grande preocupação pois não consegue ajudar mais e sente que estes idosos são muito marginalizados. Os familiares não prestam qualquer colaboração e nem sequer os visitam.

Assim que um idoso deixa de ser capaz de gerar rendimentos para contribuir para o sustento da família é imediatamente excluído. A violência física é exercida sobre eles, e muitos são espancados até à morte. A desculpa para todo este procedimento de violência contra os idosos é justificada com a acusação de feitiçaria. Os idosos são acusados de feiticeiros pelos seus próprios filhos, netos, vizinhos, tal como refere também Rodrigues (2004).

Mas um idoso vítima de maus tratos nem sempre é fácil de identificar, tal como refere a Parlamentar na entrevista (apêndice 9), pois *"eles próprios escondem a situação por terem medo de represálias, de serem considerados feiticeiros e mortos à pancada"*. E acrescenta a entrevistada que esta situação é mais frequente *"entre as mulheres idosas"*.

Neste momento há que ter em conta que os casos de acusados de feitiçaria já mostram pessoas cada vez mais novas, sobretudo entre as mulheres, tal como afirma o Bispo D. Manuel (apêndice 5), *"as coisas vão sendo cada vez piores e se antes eram acusadas as pessoas de 80 ou mais anos, agora passaram a ser acusadas pessoas bem mais novas, de 60, 50 ou 40 anos e até de 20)".* Aliás apresenta-nos até o caso de um rapaz que lhe pediu para internar a tia que tinha apenas 45 anos, mas estava a ser constantemente maltratada pelos familiares em casa que a acusavam de ser feiticeira.

Por sua vez as Instituições são em número reduzido e as poucas que existem estão sem vagas. Como refere a Directora do Lar da Santa Casa para abrir uma vaga *para os idosos conseguirem entrar na Instituição têm de esperar "que um dos idosos morra cá dentro*" (apêndice 6*).*

Com efeito é muito difícil entrar para um Lar em São Tomé. Os Lares existentes têm muitas carências, embora recebam algumas ajudas externas, nomeadamente de Portugal, tal como refere a Diretora do Projeto Integrado para o Desenvolvimento de Lemba (apêndice 8). Quando um idoso é expulso de sua casa e não consegue entrar para um Lar fica a vaguear pelas ruas. Como salienta Rodrigues (2004) essa é uma das formas de reconhecer os idosos em situação de abandono. E depois, andando pelas ruas, acabam alvo de insultos e até de agressões, tal como descreve esta autora *"os velhos em São Tomé são abandonados e vivem mal. Não têm socorro. Chamam a muitos feiticeiros, fazem troça!"* (p.33-34).

A verdade é que a própria mestranda pôde constatar as muitas carências na sua visita às várias Instituições que fizeram parte deste estudo, e onde notou claramente que, por muito boa vontade que exista, não é possível fazer mais com o tão pouco que se tem. Mas é também verdade que o apoio prestado aos idosos por estas Instituições constitui, na maioria dos casos, a única alternativa a que eles podem ter acesso para conseguirem sobreviver, garantindo-lhes que têm, pelo menos, comida e abrigo. Podemos mesmo dizer que estando numa Instituição a sua vida está a salvo!

CONCLUSÃO

Através deste estudo, foi abordado o fenómeno da violência e dos maus tratos que muitos idosos sofrem e que os leva a sentir tão desprezados e desvalorizados, tendo a investigação decorrido na ilha de São Tomé e Príncipe onde a mestranda se deslocou e ali permaneceu cerca de um mês. Teve como questão de partida tentar perceber quais as causas que concorrem para a existência de maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé.

Apesar das limitações impostas pela pandemia derivada do vírus covid19, que obrigaram a várias alterações e ao cumprimento de regras inesperadas e muito rígidas, ainda assim foi possível entrevistar alguns idosos (embora a amostra tenha sido muito inferior ao que inicialmente se tinha previsto). Foi também possível entrevistar o Bispo de São Tomé e Príncipe, bem como três Directoras Técnicas (Lar da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé, Lar da Cruz Vermelha e o Projeto Integrado para o Desenvolvimento de Lembá) e ainda uma Parlamentar da Rede de Mulheres Parlamentares de São Tomé e Príncipe.

O trabalho resultou da investigação que decorreu na área do Serviço Social e debruçou-se sobre o fenómeno dos Maus Tratos aos Idosos na ilha de São Tomé.

Optou-se por uma metodologia qualitativa, tendo-se desenvolvido um estudo de caso, onde se utilizaram técnicas de pesquisa documental e bibliográfica, e de observação (direta e participante). Recorreu-se igualmente à aplicação de entrevistas semiestruturadas a uma amostra de 8 idosos institucionalizados (três mulheres e cinco homens) complementando-as com as cinco entrevistas - ao Bispo e às Directoras Técnicas já acima referidas. Tal como afirma Yin (2003), uma das características de um estudo de caso é que nos dá a possibilidade de obter informações através de várias fontes de evidência. Para tal foram utilizadas as técnicas de observação direta, observação participante, pesquisa documental e bibliográfica, aplicação de entrevistas e sua análise e apresentação dos resultados.

Apesar das limitações encontradas e já referidas acima para a concretização deste trabalho, e, sendo uma delas a dificuldade na obtenção de um número superior de dados que poderiam resultar num estudo bastante mais completo e aprofundado, acredita-se que será possível vir a dar-lhe continuidade num futuro muito próximo.

No entanto, com os resultados obtidos e tendo em conta a questão de partida é possível concluir que as diversas fontes de evidências mostram que os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé existem e derivam da situação de extrema pobreza em que estas pessoas vivem, sendo que o aumento do número de idosos pobres os torna cada

vez mais vulneráveis ao abandono e à solidão. Maltratados e abandonados pelas suas próprias famílias, sozinhos e sem mais meios, a única alternativa é tentarem encontrar uma instituição, o que não é fácil pois estas são em número reduzido e os serviços praticamente nunca têm vagas.

Vagueando pelas ruas, estes idosos acabam acusados de feiticeiros, vivendo no medo e sempre à espera de ser agredidos. Esta é uma crença muito antiga que se tem mantido ao longo dos tempos – acredita-se na feitiçaria como forma de justificação para abandonar os idosos. Como refere o Bispo D. Manuel é muito difícil quebrar tradições culturais que ainda permanecem enraizadas nas mentalidades das pessoas que fazem parte da comunidade e da sociedade santomense. Mas uma mudança de mentalidades *"é um processo que demora muito e por isso não tem efeitos imediatos",* tal como afirma Rodrigues (2004, p.55), pelo que, segundo a autora, será necessário encontrar rapidamente soluções que ajudem a colmatar as situações de abandono e de violência sobre os idosos em São Tomé.

Como salienta ainda Rodrigues (2004, p.54) a justificação para as violências sobre os idosos *"ancoram-se cada vez mais explicitamente na acusação de feitiçaria e os idosos são acusados pelos familiares, pelos vizinhos e às vezes mesmo por estranhos e a partir desse momento torna-se socialmente legítima a sua punição e mesmo a sua eliminação física"*

Tal como refere a Diretora Técnica do Projeto de Lembá *"aqui era necessário existir mais centros para apoio aos idosos, com meios e condições adequadas para os poder receber. (...) isto faria a diferença e estes idosos poderiam então passar a ser verdadeiramente tratados como pessoas!"*

As pessoas idosas "*constituem um importante grupo com necessidade de serviços de cuidados sociais, mas que tem sido socialmente desvalorizado"* como refere Ribeirinho (2013, p. 177). Os assistentes sociais têm de ser interventores críticos, pró-ativos e reflexivos e haver um compromisso para transformar as relações sociais *"de desiguais para igualitárias",* promovendo a justiça social. *"O referencial central da intervenção do Serviço Social com pessoas idosas é o da dignidade humana, ao reconhecer o seu valor intrínseco enquanto indivíduo, enquanto ser único"* (Ribeirinho, 2013, p 179). O assistente social tem por isso de ter sempre em conta que uma pessoa idosa pode estar a sofrer alguma forma de opressão.

Ao concluir esta investigação fica a certeza de que este trabalho contribuiu não só para a aquisição de um maior conhecimento sobre esta situação concreta dos maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé, mas também para incentivar uma profunda

reflexão sobre o que pode ser feito para ajudar a proteger os idosos contra todo o tipo de violência e maus tratos que sobre eles são exercidos.

Tal como refere Rodrigues (2004, p.4) *"o cuidado dos idosos, em Africa é, de uma forma geral, responsabilidade exclusiva da família, daí que os programas formais nesta área sejam praticamente inexistentes". N*ão existe um sistema de segurança social pelo que os idosos que são escorraçados pelas suas famílias acabam na rua, sem qualquer apoio.

As carências são muitas, e os projetos de solidariedade social são poucos. Uma das soluções para colmatar a situação de violência e abandono vivida por tantos idosos e idosas da ilha de São Tomé seria, sem dúvida, a criação de um maior número de instituições de apoio tal como existe em Portugal. As instituições existentes naquele país, por mais que tentem ajudar, são insuficientes para o número de idosos que delas necessitam, pelo que a criação de novas instituições poderia vir resolver parte do problema.

Por outro lado é também muito importante a implementação de mudanças ao nível das mentalidades das pessoas. Uma pessoa velha não pode ser maltratada e abandonada, colocada a viver na rua só porque já não pode trabalhar, já não contribui para o sustento da casa.

Há muito trabalho que será necessário desenvolver em torno da promoção social e de fomentar o apoio entre gerações. Mas o Estado terá também de dar o seu apoio, criando, por exemplo, um sistema social capaz de ir ao encontro de tantas necessidades, evitando a exclusão dos idosos e a degradação das suas condições de vida.

BIBLIOGRAFIA

Albarello, L.; Digneffe, F.; Hiernaux, J.; Maroy, C.; Ruquoy, D.; Saint-Georges, P. (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Almeida, M. (1999). Cuidar o Idoso: Revelações da Prática de Enfermagem. In: Costa, et al. (Ed.) O Idoso. Problemas e Realidades. 1ª Edição. Coimbra, Formasau.

António, S. (2012). Envelhecimento demográfico e relações intergeracionais. Rediteia. Revista de Política Social, 45 (pp 139-154).

António, S. (2013). Das Políticas Sociais da Velhice à Política Social de Envelhecimento: In Serviço Social no envelhecimento, (pp 81-101). M. I. Carvalho, coord., Lisboa, Editora: Pactor.

APSS – Associação dos Profissionais de Serviço Social (2018). Código Deontológico dos Assistentes Sociais em Portugal (p. 10). Disponível: https://www.apss.pt/wp-content/uploads/2018/12/CDAS.pdf. (consulta em 18.06.2020).

Bairrada Informação - bairradainformação.pt/2017/12/07/s-tome-os-idosos-e-as-crianças/ (consulta em 25.02.2020).

Barazal, N. (2014). Sobre Violência e Ser Humano. Convenit Internacional 15 mai-ago 2014 Cemoroc/Ppgcr~Umesp/IJI – Universidade do Porto. Disponível em: http://www.hottopos.com/convenit15/77-86NeusaRB.pdf

Bogdan, R., Biklen, S. (1994). Investigação Qualitativa em Educação, Colecção Ciências da Educação, Porto: Porto Editora.

Câmara, S. (2015). Atitudes de futuros profissionais de Saúde e Serviço Social face ao trabalho com Populações Idosas. Tese de Doutoramento em Gerontologia Social. Universidade da Coruña. Espanha. Disponível em http://hdl.handle.net/2183/14386 (consulta 12.06.2020).

Cardão, Sandra (2009), O idoso institucionalizado, Lisboa. Editora: Coisas de Ler.

Carrilho, M.J., Gonçalves, C., (2007). Envelhecimento Crescente mas Espacialmente Desigual. Revista de Estudos Demográficos, nº 40. INE, pp. 21 – 38.

Carvalho, M. (2012). Envelhecimento e Cuidados Domiciliários em Instituições de Solidariedade Social. Lisboa. Editora: Coisas de Ler.

Carvalho, M. (2019). Percursos legislativos e interventivos no combate à violência. In Maus Tratos a Pessoas Idosas, pp. 37- 57. Paulino & Costa, Lisboa. Editora: Pactor.

Carvalho, M.; Rodrigues, M. (2013). Pobreza e violência sobre os idosos. In Serviço Social no Envelhecimento (pp. 137-148). M.I. Carvalho, coord., Lisboa, Editora: Pactor.

Carvalho, M. (2011). Serviço Social e Envelhecimento Activo: teorias, práticas e dilemas profissionais. Disponível: http://hdl.handle.net/11067/1042. (24.11.2020)

Carvalho, M. (2011). Violência Sobre as Pessoas idosas e Serviço Social. Revista Kairós Gerontologia, 14 (1), ISSN 2176-901X, São Paulo, março 2011: 43-63.

Constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe. Lei n.º 7/90, de 20 de Setembro de 1990, DR. n.º 13 - Sumário das Legislações Publicadas nos Diários da República 1975 - 2007 Disponível em: http://www.asg-plp.org/upload/cadernos_tematicos/doc_139.pdf (consultado em 18.12.2020).

Constituição da República Portuguesa

Correia, P., Espanha, M., Barreiros, J. (coord). (1999). Envelhecer melhor com a actividade física de Armando Moreno. Actas do Simpósio 99, p.17. FMH: Lisboa.

Costa, A. (2019.Maus tratos a Crianças e Jovens em São Tomé e Príncipe. Disponível: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/30421/1/disserta%c3%a7%c3%a3o-analbina-fernandes-da-costa-.pdf (consultado em 13.02.2021).

Espadaneira, R. (2008). Diferentes formas de envelhecer. (consulta em 12.02.2020). Disponível: www.ajudas.com/notver.asp?id=2570;

Fernandes, A. (1997), Velhice e Envelhecimento. Demografia, Família, e Políticas Sociais em Portugal. Oeiras, Editora Celta.

Fontaine, R. (2000). Psicologia do envelhecimento. Lisboa: Climepsi Editores.

Fortin, M. F., (1999). O processo de investigação: da concepção à realização. Loures: Lusociência.

Gil, Ana Paula; Fernandes, A. F.; Nicolau, R.; Santos, A. J. (2013). Prevalência da Violência contra as pessoas idosas - uma revisão crítica da literatura, in Sociologia, Problemas e Práticas, nº 72, pp. 53-77 (consulta em 04.03.2019): https://journals.openedition.org/spp/1192.

Gil, Ana Paula; Faria, P. L., Gomes, I., & Fonseca, R. (2012). Perspetivas atuais sobre a proteção jurídica da pessoa idosa vítima de violência familiar: contributo para uma investigação em saúde pública, pp. 149-162. (consulta em 04.03.2019) Revista Portuguesa de Saúde Pública. Disponível em: http://repositorio.insa.pt/bitstream/10400.18/1553/3/Perspetivas%20atuais%20sob

re%20a%20prote%C3%A7%C3%A3o%20jur%C3%ADdica%20da%20pessoa%20idosa%20v%C3%ADtima%20de%20viol%C3%AAncia%20familiar.pdf.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (1997), O Inquérito: Teoria e Prática. Oeiras, Celta Editores, 3.ª Edição.

Guadalupe, S. (2010), Intervenção em Rede. Serviço Social, Sistémica e Redes de Suporte Social, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Guerra, I. (2006) Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdos – Sentidos e Formas de Uso, Cascais: Principia Editora.

Guerra, I. (2002) Fundamentos e Processos de uma Sociologia de Acção. O Planeamento em Ciências Sociais. 2ª Edição. Cascais. Principia Editora.

IFSW (2014), Global Definition of Social Work, Disponível em: http://ifsw.org/policies/definition-ofsocial-work/.

Lisboa, M., Carmo, I., Vicente, L., Nóvoa, A., Barros, P., Silva, S., Roque, A. & Amândio, S. (2006). Prevenir ou Remediar - Os Custos Sociais e Económicos da Violência Contra as Mulheres. Lisboa: Colibri.

Mazo, G., Lopes, M., Benedetti, T. (2001). Actividade física e o idoso: concepção gerontológica. Porto Alegre. Editora: Salina

Machado, C., Gonçalves, R. (2003), Violência e Vítimas de Crimes. Coimbra. Editora: Quarteto.

Meireles, V; Matsuda, L; Coimbra, J; Mathias, T. (2007) Características dos idosos em área de abrangência do Programa Saúde da Família na região noroeste do Paraná. Saude Soc. vol.16 no.1 São Paulo - Jan./Abr. 2007 Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902007000100007 (consulta em 21.12.2020).

Minayo, M. (2006). Violência e saúde. Editora Fio Cruz. Rio de Janeiro.

Moura, C. (2006). Século XXI: Século do envelhecimento. Loures: Editora Lusociência.

Nações Unidas – Centro Regional de Informação para a Europa (última consulta em 27.02.2020) Disponível: https://unric.org/pt/envelhecimento/

Organização Mundial de Saúde (2002). Relatório Mundial sobre a Violência e Saúde – Capítulo 5 (O abuso de Idosos). Disponível em: portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br

Paúl, Constança (2005). Envelhecimento Activo e redes de suporte social, V. 15. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Paúl, C., Fonseca, A. (2005). Envelhecer em Portugal. Lisboa: Climepsi Editores.

Paulino M., Gaspar, S., Marques, P., Soares, A. (2019). Tipologia de Maus Tratos a Pessoas Idosas, in Maus Tratos a Pessoas Idosas, Coord. Paulino & Costa, Capítulo 3, Lisboa, Edição Pactor, pp. 59- 82.

Pinto, D. (2013), Por Que Vão os Idosos Para Lares? Determinantes no internamento de pessoas maiores de 65 anos em Instituições de Longa Permanência. Dissertação de Mestrado em Sociedade, Risco e Saúde submetida à Universidade de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Quivy, R. Campenhoudt, L. (1998), Manual de Investigação de Ciências Sociais, 2ª ed., Lisboa, Gradiva.

Revista Portuguesa de Saúde Pública. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S087090251200034X#bib0095

Ribeirinho, C. (2013). Serviço Social Gerontológico – Contextos e Práticas Profissionais", in Carvalho, M.I. (2013). Serviço Social no envelhecimento – Cap. 12 – Lisboa. Editora: Pactor.

Rodrigues, C. (2004). O abandono de idosos em São Tomé e Príncipe. Lisboa (estudo realizado no âmbito das comemorações dos 500 anos da Santa Casa da Misericórdia de São Tomé e Príncipe.

Rosa, M.João (2012), O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa. Lisboa. Fundação Francisco Manuel de Melo.

Serrano, G. (2008), Elaboração de Projetos Sociais – casos práticos. Porto. Porto Editora.

Silva, A. (2018). Canto poético no Oká - Aspectos culturais do passado e do presente em São Tomé e Príncipe. Cadernos CESPUC de Pesquisa - Revista semestral do Programa de Pós-graduação em Letras - 1º Semestre de 2018 - n. 32 (Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/index).

World Health Organization (2002) The Toronto Declaration on the Global Prevention of Elder Abuse. Geneva: World Health Organization; Disponível em: http://www.who.int/ageing/projects/elder_abuse/alc_torontodeclarationen.pdf

UNESCO (2006), Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, Lisboa: Comissão nacional da Unesco- Portugal. Disponível em: http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001461/146180por.pdf

Vilelas, J. (2009). Investigação: O Processo de Construção do Conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo.

Yin, R. (2003). Estudo de Caso: planejamento e métodos. 2ª. Edição (reimpressão). Porto Alegre: Bookman.

Zimerman, G. I. (2000). Velhice: Aspectos Biopsicossociais. Porto Alegre: Artmed Editora.

Sites consultados:

https://pt.wikivoyage.org/wiki/S%C3%A3o_Tom%C3%A9_e_Pr%C3%ADncipe (Mapa, consulta em 20.02.2021)

https://www.tsf.pt/internacional/interior/cabelos-brancos-e-feiticaria-os-idosos-abandonados-de-sao-tome-9692460.html (consulta em 08.05.2020).

https://www.publico.pt/2018/10/14/mundo/reportagem/o-ultimo-dos-roceiros-1847076 (consulta em 09.05.2020).

https://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+envelhecimento (consulta em 13.02.21)

APÊNDICES

Apêndice 1 - Pedido de autorização para realizar o estudo em São Tomé (2 páginas)

Apêndice 2 - Guião de Entrevista aos Idosos

Apêndice 3 - Guiões de Entrevista ao Bispo de São Tomé e restantes Técnicas sociais

Apêndice 4 - Transcrição das Entrevistas realizadas aos Idosos

Apêndice 5 - Transcrição da Entrevista ao Bispo de São Tomé

Apêndice 6 - Transcrição da Entrevista à Técnica do Lar da Santa Casa

Apêndice 7 - Transcrição da Entrevista à Técnica do Lar da Cruz Vermelha

Apêndice 8 - Transcrição da Entrevista à Técnica do Projeto Integrado de Lembá

Apêndice 9 - Transcrição da Entrevista à Técnica da Rede Mulheres Parlamentares

Universidade Lusófona - Instituto de Serviço Social

Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais:
Análise e Intervenção Social

PEDIDO DE COLABORAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Para os devidos efeitos e, no âmbito do protocolo existente entre a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e essa organização, solicita-se apoio para a aluna Paula de Madre de Deus, do Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, para desenvolver na vossa Instituição ações de investigação para a sua dissertação com o título de *"A violência sobre os idosos: Maus tratos aos idosos na Ilha de São Tomé".*

A dissertação, é orientada pela Professora Doutora Hélia Bracons, que poderá ser contactado para qualquer esclarecimento adicional pelo e-mail: helia.bracons@gmail.com ou para a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias – Instituto de Serviço Social, através do e-mail: serviço.social@ulusofona.pt)

Segue em anexo carta da mestranda explicitando os objetivos e a natureza da investigação.

Os meus melhores agradecimentos e cumprimentos,

Prof. Doutor Carlos Diogo Moreira

Diretor do Instituto de Serviço Social

Universidade Lusófona - Instituto de Serviço Social

Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais:
Análise e Intervenção Social

APRESENTAÇÃO DE PEDIDO PARA REALIZAR INVESTIGAÇÃO

(MODELO)

Para:

Assunto: Pedido de autorização para realizar trabalho de investigação no âmbito do Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social.

O meu nome é Paula de Madre de Deus e sou aluna do Mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, em Lisboa.

Venho por este meio solicitar a V. Exa. que me seja concedida a possibilidade de realizar um estudo empírico nessa Instituição. O estudo que estou a desenvolver prende-se com a situação de maus tratos aos idosos e o tema escolhido para a realização do mestrado foi "A violência sobre os idosos: Maus tratos aos idosos na Ilha de São Tomé".

Esta investigação tem como objetivo geral "Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé". E como objetivos específicos:

1. Caraterizar o fenómeno dos Maus Tratos aos Idosos na ilha de São Tomé;
2. Caracterizar o perfil das famílias e dos idosos abandonados pelas suas famílias;
3. Compreender até que ponto existe uma relação entre idosos maltratados e crenças socio-culturais que levam os familiares dos mais velhos a infligirem-lhes maus tratos.

Assim, venho solicitar colaboração de V. Exas. no sentido de autorizarem a realização deste estudo, nomeadamente a possibilidade de aplicação de entrevista semi-estruturada dentro da vossa Instituição. Todas as informações recolhidas se destinam exclusivamente ao estudo em curso e têm apenas fins investigativos, respeitando a confidencialidade.

A mestranda deslocar-se-á a São Tomé para realizar esta investigação.

Fico, desde já, muito grata pela atenção que for dispensada a este pedido e encontro-me ao dispor para todas as informações que V. Exas. considerarem necessárias.

Apresento os melhores cumprimentos.

A aluna

Paula Deus

APÊNDICE 2

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: _____

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: _____

3. **Quantos filhos tem?**

R: _____

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: _____

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: _____

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: _____

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: _____

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: _____

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: _____

10. **E sente-se feliz aqui?**

R: _____

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

APÊNDICE 4

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS IDOSOS

GUIÃO DE ENTREVISTA A REALIZAR AO BISPO DE SÃO TOMÉ E ÀS TÉCNICAS SOCIAIS

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: _____

2. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: _____

3. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos que são vítimas de maus tratos?**

R: _____

4. **Como define maus tratos contra idosos?**

R: _____

5. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: _____

6. **Há quanto tempo se encontra a exercer funções nesta ilha?**

R: _____

7. **O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos aqui da ilha de São Tomé?**

R: _____

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

LAR PALMAR (CRUZ VERMELHA) – <u>Entrevistado 1</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

8. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 73 anos

9. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: E sou solteiro.

10. **Quantos filhos tem?**

R: Eu tive 10 filhos, mas neste momento só já tenho 1.

11. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Estudei até à terceira classe com a Dona Maria de Jesus.

12. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Trabalhei sim, na agricultura, fui polivalente. E fui também artesão.

13. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Eu recebo uma pensão de reforma sim.

14. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Sim.

15. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou aqui há 5 anos.

16. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Por doença. Com a pressão alta e diabetes tive um AVC e então vim para aqui para poder ser controlado pois no hospital não havia camas que lá estava sobrelotado de doentes .

17. **E sente-se feliz aqui? R:** Não.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data:Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR PALMAR (CRUZ VERMELHA) – <u>Entrevistado 2</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 84 anos

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteiro.

3. **Quantos filhos tem?**

R: Eu não tenho filhos.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Frequentei a escola Viana da Mota.

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, eu trabalhei na Câmara de Água Grande.

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Sim.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Sim.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou há 7 anos.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Por falta de casa. Sempre vivi numa casa de aluguer mas depois não tive dinheiro para comprar o terreno e fiquei sem nada..

E sente-se feliz aqui?

R: Sim.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SÊMOA – <u>Entrevistado 3</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 71 anos

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteiro.

3. **Quantos filhos tem?**

R: Eu tenho 7 filhos.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Sim, até à 4ª classe.

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, trabalhei na EMAE, a empresa de àgua e Electricidade.

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Sim.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Sim.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou aqui há2 anos.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Por maus tratos dos filhos. Eu fiquei cego e os filhos obrigavam-me a levar um rendimento para casa. Como eu não conseguia, expulsaram-me para fora de casa, para o relento! Fui então à Câmara Distrital pedir ajuda e contei a minha situação e foram eles que uniram esforços para eu vir para este Lar.

E sente-se feliz aqui?

R: Sim e não. Não estou nem bem, nem mal. A comida também não é boa!

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SÊMOA – <u>Entrevistada 4</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 66 anos. Nasci em 1964.

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteira.

3. **Quantos filhos tem?**

R: Tive 3 filhos, mas neste momento só tenho um.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Não.

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, trabalhei na Roça Ponte Figo.

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Não.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Só do filho.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou aqui há 2 anos.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Não tenho ninguém porque o filho emigrou para Angola. Tenho um cunhado que foi quem me trouxe para aqui. Isto porque eu era perseguida e me chamavam de feiticeira.

E sente-se feliz aqui?

R: Sim.

Obrigada pela sua participação
A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SEMÔA – <u>Entrevistada 5</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Nasci em 1946. Tenho 74 anos.

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteira

3. **Quantos filhos tem?**

R: Eu tenho 3 filhos.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Não.

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, trabalhei na agricultura e em vários trabalhos sazonais.

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Recebo da assistência social..

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Não.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Só estou aqui há 15 dias.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Porque fui chamada de feiticeira. Prenderam-me dentro de casa durante 3 meses e lá dentro fazia tudo. Só de noite é que conseguia sair que era quando ninguém me via. Foi muito mau porque os meus familiares e a população faziam rixas e perseguiam-me para me matar.

E sente-se feliz aqui?

R: Sim.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SEMÔA – <u>Entrevistado 6</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 83 anos

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteiro.

3. **Quantos filhos tem?**

R: 4 filhos, mas todos estão fora. Cada um tem a sua vida nos EUA, na América.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Sim..

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, eu trabalhei contratado na Roça Ubá Tudo e Colónia Soriana, tinha multifunções e recebia 75.00 dobras (antigas).

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Sim, recebo 600.00 dobras.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Sim, às vezes vêm cá os amigos.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou há 19 anos, desde o ano de 2001.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Vim porque fiquei sozinho pois a minha companheira morreu.

10. **E sente-se feliz aqui?**

R: Sim, sinto-me feliz agora. Veja que até já fui a Cabo Verde, depois de passados 50 anos!.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SEMÔA – <u>Entrevistado 7</u>

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 91anos. Nasci em 1929.

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui? R:** Não.
3. **Quantos filhos tem? R:** Tenho 1 filho que vive em Portugal.
4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola? R:** Não.
5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê? R:** Sim, eu trabalhei, fui pescador.
6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Sim, recebo pensão da assistência social.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos? R:** Não.
8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou aqui há 2 anos.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Vim porque era maltratado pelos vizinhos. Atacavam-me com pedras e fui chamado de feiticeiro. Passava o tempo a chorar. Depois um dia vim pelos meus próprios pés pedir ajuda. Tinha muita fome e assim que aqui me abriram a porta senti-me muito contente. Foi como se tivesse saído de uma prisão. Olhe eu tinha saído de casa a procurar comida e ao regressar fui agredido com pedras. Isto porque houve um jovem pescador que desapareceu no mar e pensaram logo que eu tinha que ver com isso, o caso foi até levado à polícia. Foi muita tristeza, até deixei de comer e foi aí que tomei decisão e fui ao Lar com os meus próprios pés. Lá fui, com fome e muita incerteza se me iriam receber, a verdade é que receberam não fiquei lá e voltei para casa, nem sei como, pois já nem forças tinha. Mas no dia seguinte voltei lá e consegui encontrar-me com a Directora do Lar, que me disse para voltar para casa que assim que fosse possível me chamavam. Passados algum tempo não me chamavam e vim aqui outra vez e olhe consegui ficar desde então.

10. **E sente-se feliz aqui?**

R: Sim, sinto-me muito satisfeito. Formei um grupo cultural com os outros residentes do Lar. Aqui tenho tudo. Faço três refeições por dia. Aqui tem roupa lavada, banho, cama limpa, estou aqui como um Ministro!
E isto tudo por causa de um gato preto que estava na minha casa e um jovem disse-me que ia matá-lo e que em seguida me queimava a casa porque acreditavam que eu era feiticeiro!

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AOS IDOSOS (Cont.)

LAR DONA SEMÔA – Entrevistada 8

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

1. **Pode dizer-nos a sua idade?**

R: Tenho 65 anos

2. **É casado/a? E o seu marido/sua mulher também se encontra aqui?**

R: Sou solteira.

3. **Quantos filhos tem?**

R: Tive 8 filhos, mas agora só tenho 1.

4. **Diga-me se alguma vez frequentou a escola?**

R: Não. Não havia escola. Só depois da independência é que frequentei a alfabetização mas não me adaptei. Sabe eu fui abandonada pela minha mãe.

5. **E antes de vir para o Lar alguma vez trabalhou? Em quê?**

R: Sim, eu trabalhei na Roça, tinha 16 anos.

6. **Recebe alguma pensão de reforma?**

R: Sim.

7. **E aqui no Lar costuma receber visitas dos seus familiares ou amigos?**

R: Sim, Do filho e de família.

8. **Há quanto tempo se encontra nesta Instituição?**

R: Estou há 2 anos.

9. **E qual o motivo porque veio para a Instituição?**

R: Vim devido à minha situação de saúde.

10. **E sente-se feliz aqui?**

R: No princípio não, mas agora já me sinto aqui muito bem.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

APÊNDICE 5

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA AO BISPO DE SÃO TOMÉ

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: Para mim existem vários motivos, tais como a pobreza, a questão dos problemas mentais, temos também a questão económica. Aqui também tem um problema grave que é o abandono dos filhos. Os pais não querem saber dos filhos. A verdade é que os progenitores não querem saber dos seus filhos!

2. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: Isto trata-se de uma questão relacionada com a mentalidade. Enquanto este país continuar com esta mentalidade não vamos a lado nenhum. Existe o abandono dos pais, não querem saber deles! Mas existem também outros factores que agravam essa crença e fazem as pessoas entrar por aí. Temos de ver as fracas condições económicas e alimentar mais uma boca é complicado. Há uma grande falta de estrutura familiar, os laços familiares são muito pequenos. Isto não é fácil de contornar porque é uma crença cultural transversal. É tremendamente cultural! E de facto quem sofre são os idosos. Primeiro porque não se podem defender tão bem, sobretudo se for mulher. Ao nível das mulheres, encontramos pessoas ainda muito novas.

Eu, por exemplo, uma vez estava em Santana e chega um jovem e diz: Sr. Bispo quero mandar a minha tia para o Lar. E que idade tem a tua tia? Pergunto eu. Ela tem 45 anos respondeu o jovem. Ela tem 45 anos e você quer levá-la para o Lar? Sim, responde o jovem, porque estão a chamá-la de feiticeira. Mas com 45 anos ela está na flor da idade e quer internar-se no Lar de Idosos? Aí a mulher me respondeu que estando em sua casa ela está farta de ser maltratada pois batem-lhe a acusam-na de feiticeira. E diz-me a mulher "Olhe Sr. Bispo morta já eu estou!". E é assim em S. Tomé!!! Isto quer dizer que esta realidade está presente em todo o lado, em todas as pessoas desde o universitário até ao mais pobre, desde um director de um ministério que quando lá chega fica cheio de medo que os pobres que lá estão a aguardar para serem atendidos lhes venham a roubar o emprego. E isto passa-se com pessoas que estudaram e deviam ter outra mentalidade!

3. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos que são vítimas de maus tratos?**

R: Sim, como já referi, a pobreza extrema, a falta de estruturas familiares são as principais características. A verdade é que os laços familiares são muito pequenos. A questão económica é muito importante e muitos pais acabam por abandonar os seus filhos. Ter mais uma boca para alimentar é muito complicado. Por isso quando encontramos um idoso a ser abandonado dizemos muitas vezes que hoje é a tua mãe mas amanhã serás tu que hoje estás também a abandonar o teu filho!

4. **Como define maus tratos contra idosos?**

R: Os maus tratos aos idosos podem ir desde violência psicológica, a acusação de feitiçaria, são abandonados pelos filhos, sujeitos a agressões físicas e em alguns casos estas agressões são de tal ordem que podem levar à morte da pessoa idosa.

5. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: Sabe aquela história que diz que em África o velho é um sábio? Isso é uma ideia criada nos anos 60. O problema é a cultura do feitiço, em que aqui em S. Tomé os idosos maltratados vêm dessa cultura. Se eu tiver uma dor de cabeça, alguém tem de ser culpado e o mais normal é que seja a Maria que já tem 80 anos, vive sozinha e é pobre. Quando se começa a desenvolver este tipo de cultura as coisas vão sendo cada vez piores e se antes eram acusadas as pessoas de 80 ou mais anos, agora passaram a ser acusadas pessoas bem mais novas, de 60, 50 ou 40 anos. Até uma pessoa de 20 anos pode muito bem ser acusada de feiticeira, pois pode ter um comportamento raro, e enquanto em Portugal se diz que a pessoa está a ficar demente, por exemplo, aqui não, diz-se logo que é feiticeira.

Eu não digo que em Portugal não se fale também de feitiços, também têm uma cultura um pouco mágica, das bruxas, etc., mas não é como aqui que há mesmo uma cultura feiticista. A verdade é que as pessoas não negam que são feiticeiros! Há uma crença que diz que quem come cola e bebe aguardente é porque não é feiticeiro. Existem pessoas que não aceitam ser feiticeiras, mas elas acreditam que outras pessoa o são (eu não sou nem quero ser, mas aquela outra pode ser). Quando me perguntam, Sr. Bispo dizem que eu sou feiticeira, mas porquê? A verdade é que as pessoas vivem nas suas casas e muitas vezes quando estão a dormir sonham e falam alto, então isso é sinal que são feiticeiras. Estas pessoas podem até sofrer de sonambolismo, que é uma coisa normal para nós. Mas para eles não é, e por isso as pessoas aceitam ser maltratadas. Quem mais sofre com tudo isto são mesmo as pessoas idosas. Elas não se podem defender, sobretudo se forem mulheres. E entre as mulheres acusadas de feitiçaria encontramos pessoas muito jovens.

Repare que, por exemplo que há dois anos quando eu fui a Portugal, falei para aqui com o Padre M. pois tive conhecimento que era preciso ir urgentemente à Roça de Água Izé buscar uns idosos que estavam a precisar de ajuda. O Padre foi e quando lá chegou encontrou o povo todo revoltado porque estavam ali 15 idosos que um miúdo de 14 anos acusava de feiticeiros porque andava a ter esse sonho. Ora o que aconteceu foi que os idosos acabaram por ser metidos dentro da carrinha e foram levados para o posto da polícia, onde ficaram retidos 3 dias. O Padre M. bem tentou ir lá à polícia mas a resposta que o polícia de serviço lhe deu foi "este país ainda não fez uma lei contra os feiticeiros". Ou seja o próprio agente achava que os idosos deviam mesmo estar presos! Enquanto este país continuar com esta mentalidade não vamos a lado nenhum!

6. **Há quanto tempo se encontra a exercer funções nesta ilha?**

R: Fui nomeado Bispo Diocesano de S. Tomé e Príncipe a 1 de Dezembro de 2006 pelo Papa Bento XVI, e a 17 de Fevereiro de 2007 fui ordenado no Santuário de Fátima pelo Cardeal Dom José Saraiva Martins, portanto estão já passados 13 anos.

7. **O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos aqui da ilha de S. Tomé?**

R: O que gostaria mesmo era que esta mentalidade feiticista desaparecesse de São Tomé. Todas as pessoas deveriam ser respeitadas e, sobretudo os idosos, e ninguém os deveria poder acusar de feiticeiros, independentemente da idade que eles tenham, sejam homens ou mulheres. Sei bem como os idosos vivem e sofrem neste país, mas, infelizmente não é só por causa da idade avançada, é também pelas constantes acusações de que são alvo. O meu grande desejo é que esta mentalidade se altere e que todos, em geral, consigam perceber que o feitiço é uma "maluqueira" na cabeça das pessoas. A nossa vida é só uma e temos que construir o nosso dia - a-dia o melhor possível com as nossas capacidades e não andar constantemente a pensar se este ou aquele é feiticeiro.

E ao nível dos idosos o que mais gostaria era vê-los bem tratados, cuidados e respeitados, pois quero que eles tenham o mesmo que eu desejo para mim.

Muito obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

APÊNDICE 6

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA (SANTA CASA DA MISERICÓRDIA)

LAR DONA SEMÔA (Diretora Técnica da Instituição)

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São. Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Quais as suas funções dentro da Instituição?**

R: Sou Directora Técnica do Lar (Técnica Social). Tenho uma Licenciatura em Gestão e Mestrado com especialização em Finanças.

2. **Pode descrever as principais metodologias que utiliza na sua intervenção dentro da Instituição?**

R:. Temos uma valência da Santa Casa de Misericórdia, estamos ligados à terceira idade, diariamente estamos em contato com os idosos que estão dentro da Instituição mas também com os idosos de fora. Dentro são aqueles que residem na Instituição e neste momento temos 91 utentes a residir. Os que estão fora são os que estão na lista de espera, nós entramos em contato com as pessoas normalmente para poder saber da situação, fazemos um diagnóstico dos idosos, os que estão fora através de um questionário do lar para saber informações do utente, juntamente com os familiares os vizinhos e a comunidade. Existe uma equipa que acompanha para fazer esse levantamento ao nível da instituição e utilizamos vários métodos. Nós temos vários setores de trabalho desde a cozinha até a lavandaria, todo setor em funcionamento, cada setor tem sua forma de funcionar de 24 sobre 24 horas. Os idosos são da nossa total responsabilidade e portanto cada setor tem sua forma de funcionamento. No lar funciona em 3 turnos sendo que 1° das 7:30h 15:30, o 2° das 13h as 20h, e o 3° das 20h as 7h da manhã. E cada turno funciona sempre em todos os setores; nós consideramos ala de higiene como serviços gerais diretamente embora esteja a lidar com idosos: para além da higiene, servem as refeições, apoiam em várias atividades que se vão desenvolvendo ao longo do dia. Temos um psicólogo na instituição que acompanha os idosos mais problemáticos. Há também a ala da fisioterapia, para as pessoas que tenham problemas de artroses (por exemplo o fisioterapeuta desenvolve

fisioterapia local com base em exercícios pois não temos as máquinas pesadas para os exercícios visto que o seu custo é muito elevado). Assim, tentamos ajudar aplicando exercícios de massagem que ficam mais baratos e são bastante eficazes. Daí termos connosco uma fisioterapeuta, mas temos também uma médica e uma psicóloga. Sempre que seja necessário encaminhamos para o centro hospitalar os casos que necessitam de ser vistos por outras especialidades médicas. Tudo isto é feito com a orientação da nossa médica. Neste momento temos também dois enfermeiros que se encontram à disposição diariamente de todos os idosos e temos ainda um auxiliar do serviço de enfermagem. A parte da saúde está organizada desta forma, e temos ainda também todos os ajudantes familiares que são formados aqui internamente.

3. **Quais os principais constrangimentos com que se depara diariamente na sua intervenção?**

R: Para mim, um dos principais constrangimentos é o de não conseguir dar resposta às necessidades das pessoas. Lutamos também com a falta de colaboração dos familiares e com doenças como por exemplo a Demência. Os idosos do Centro são muito marginalizados, há muita falta de ligação e de protecção. A lista de espera para entrada no Lar está cheia e só entra um idoso para o Lar quando algum dos utentes morre. Tentamos dar as condições mínimas para garantir uma vida saudável aos idosos, mais não é igual à de um idoso que está integrado na sua própria família. Este trabalho tem sido muito cansativo, e é um constrangimento ver a situação de um idoso que a família vê como um fardo! A pobreza é muita e então o idoso é incentivado a produzir ou então tem de sair de casa e ir para o lar. Se formos ver um idoso com uma boa reforma em Portugal nunca irá para um lar! E também pela conjuntura Nacional que nós vivemos, a baixa situação económica a nível geral dos familiares, para além do número de filhos que têm, a maior parte das vezes não têm condições e as famílias tentam desfazer-se do idoso. Sem condições financeiras não conseguem aguentar um idoso porque ele tem custos elevados, não é só a alimentação, é a falta de saúde, são os medicamentos, as idas ao hospital. Depois é necessário dar atenção, carinho, estar disponível para o idoso e para lhe dar esse tipo de acompanhamento. E nós, ao exercermos esta atividade damos uma garantia, uma estabilidade, e é isso que as famílias não lhes podem dar. Por outro lado temos ainda o caso dos idosos que são portadores de algum tipo de demência e a sociedade não conhece esse tipo de doença e por isso não aceita o idoso. Assim, vamos então encontrar esses idosos a circular nas ruas, a pedir, e por isso vai ser chamado de feiticeiro, e até tem também cabelos brancos. Por ser idoso e estar na rua a pedir já é chamado de feiticeiro. Muitas vezes os filhos emigram por razões económicas e deixam as suas próprias mães, já idosas, a cuidar dos netos. Se elas não têm dinheiro para garantir o sustento dos netos, então elas vão pedir ajuda para a rua e logo são chamadas de feiticeiras. É apenas por necessidade que o fazem, mas são logo maltratadas, batem-lhes mesmo,

e ninguém é solidário, ninguém ajuda!. Há também homens idosos que nunca deram um apoio nem acompanharam os filhos enquanto cresciam e então agora depois de velhos esses seus filhos não os querem, não querem mesmo saber deles! E por outro lado temos também os filhos que criam mais condições para apoiar a mãe. Por isso dão mais atenção à mãe pois foi esta que se sacrificou muito na vida, andou a lavar a roupa, já sacrificou muito para cuidar dos filhos sem a presença do pai. Um homem que abandona a família na altura que mais precisa e nunca esteve presente quando foi necessário, depois as coisas invertem-se ele se torna idoso e é o filho que agora o abandona. Por outro lado é preciso perceber que a mãe é que sacrifica sempre muito pelo facto de cuidar de tudo sozinha, a mãe teve que trabalhar para trazer o sustento para casa e no fim ainda tem que vir cuidar também dos netos, e ela envelhece com mais facilidade, e quando ela chega uma certa idade já está muito debilitada, porque já trabalhou muito, já lavou muita roupa e esse filho que ela sempre tratou e acompanhou vai agora embora para ganhar dinheiro noutro país e ainda lhe deixa os netos. É verdade que ela no final poderá vir a ter mais recompensa, mas, se quando o filho sai do país ela não tiver um recurso, vai sofrer muito, e isto é uma grande tristeza!

4. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: Eu acho que há muita falta de educação. As famílias estão completamente destruturadas. Existe a questão do pagamento, isto é, um idoso vai ser maltratado para pagar o mal que fez antes. Lá está, sempre esta questão do pagamento, estás a pagar aquilo que fizeste! Antigamente um idoso, ao nível de África, era considerado um elemento muito importante, mas isso hoje já não acontece, e depois temos de ver que as comunidades rurais protegem mais os seus idosos do a cidade. Na comunidade rural o idoso ainda é visto como a pessoa que vai passar a experiência, os idosos ainda são ali protegidos. Por exemplo temos no lar idosos mais a nível de Água Grande do que outros distritos, pois um idoso de uma Roça é difícil vir para um lar, pois ali há a tendência de proteger a pessoa idosa, é uma comunidade onde ninguém nega um prato de comida, e as crianças continuam a brincar com idosos e a própria comunidade protege esses idosos que os viu nascer e ajudou a crescer! Isto não quer dizer que não haja idosos marginalizados, existem sim, mas em número muito mais reduzido! E na comunidade rural há também vergonha de colocar os idosos em lares, sendo certo também que ali não se depende de um salário e há sempre qualquer coisa para ajudar a matar a fome!

5. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: Sim, através da forma como o idoso vive no seu dia-a-dia. Ele passou quase toda a sua vida a trabalhar, fez os descontos para segurança social, e quando chega a sua idade de reforma o que vai receber não é digno.

6. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos vítimas de maus tratos?**

R: O que é mais comum é o abandono e os maus tratos.

7. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: Isto é uma questão cultural. Um idoso acredita que o outro ao seu lado pode ser um feiticeiro. Isto é: eu não sou, mas acho que tu podes ser! No fundo os idosos não acreditam que são feiticeiros mas eles podem acreditar que você é! Eles nao assumem a feitiçaria! Por exemplo eu não posso dizer que existem feiticeiros, pois eu nunca os vi e nunca os senti. Por isso, quem pode comprovar que existem?

8. **Quais os principais dilemas éticos com que se depara na sua intervenção?**

R: A falta de protecção e a lentidão que existe na Justiça. A primeira coisa que fazemos é proteger ao máximo os nossos idosos, e a partir dali entramos em contato com a instituição que possa apoiar e entrar na justiça. Os processos são lentos e existe a questão do idoso que, por exemplo, foi maltratado por um filho mas ele nao vai querer apresentar queixa, ele vai tentar defender e proteger a própria família, pois tem esse sentimento de que se apresentar queixa nunca mais vai ter oportunidade de reativar a relação com a família. Portanto existe esta preocupação de denunciar mas que acaba por não acontecer mesmo sendo os maus tratos considerados um crime público que qualquer pessoa pode denunciar. Deveria ser criado um gabinete do crime de violência doméstica. Por exemplo, há alguns anos teve um caso de um filho que bateu e até partiu a mão de sua própria mãe e nada foi feito. As coisas deveriam funcionar e sim a justiça deveria ser menos morosa! Mas isto é também uma questão de educação! A própria sociedade vai contribuir para que um idoso seja maltratado pois ninguém sofre consequências, e mesmo que existam punições elas nunca são aplicadas e muito menos são divulgadas. É preciso ver a questão da vulnerabilidade do idoso, pois mesmo um idoso gostaria de ouvir que tomaram medidas a seu favor e saber que tipo de sanção foi aplicada ao seu agressor. Isto era bom para as pessoas tomarem consciência de que, se maltratarem um idoso irão ser punidas. Nós queremos é proteger a pessoa idosa e por isso podemos até fazer uma queixa a informar o instituto da violência doméstica mas já sabemos que o processo não vai andar e isso vai ainda complicar mais a vida do idoso deixando-o numa situação muito difícil perante a sua família e isto é, para nós, um grande dilema!.

9. **O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos aqui da ilha de S. Tomé?**

R: Deveria fazer-se uma sensibilização massiva mostrando o valor que um idoso tem. Proteger os idosos, que eles têm uma experiência muito grande na sociedade (nós nem paramos para escutar um idoso!). Para mim quando se aumenta o número de Instituições está-se a contribuir

para que os idosos sejam maltratados, pois são os idosos maltratados e abandonados que vão para os Lares! Deveria haver sensibilização nas escolas, junto dos mais novos! Nós até temos uma parceria com a Escola! Mas infelizmente a tendência é para aumentar o número do abandono e os idosos são a parte mais frágil dessa situação toda, portanto isto devia partir de uma sensibilização às crianças, trabalhar com elas e com as suas famílias e em seguida trabalhar também ao nível nacional. O que é preciso mesmo é trabalhar/alterar a cabeça das pessoas!.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA (DIRECTORA TÉCNICA DA CRUZ VERMELHA)

LAR PALMAR

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de S. Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Quais as suas funções dentro da Instituição?**

R: Assistência a pessoas da terceira idade. Sou Directora Técnica do Lar.

2. **Pode descrever as principais metodologias que utiliza na sua intervenção dentro da Instituição?**

R: A nossa Instituição tem várias valências no sector social, temos uma das principais actividades na Cruz Vermelha que é dar assistência a pessoas da terceira idade. Entramos em contato com familiares do idoso. Já tivemos 500 idosos ao nível geral, mas esse número já foi reduzido para 103 idosos. Atuamos em 3 valências, distribuídos pelo país e temos um Centro do Dia situado no Vigoso. Mensalmente distribuímos cabazes de alimentos aos idosos através de uma visita domiciliária.

3. **Quais os principais constrangimentos com que se depara diariamente na sua intervenção?**

R: Os Direitos do Homem. E não conseguir dar respostas a todos os pedidos feitos por falta de condições. Muitas das vezes fazem pedidos de canadianas, cadeiras de rodas ou outras ajudas técnicas, e nós não temos como dar a resposta por falta de meios.

4. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: É devido à falta de condições económicas e também às crenças.

5. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: A perda de mobilidade, a falta de trabalho, o próprio ambiente familiar. Muitas vezes os idosos batem-nos à porta a pedir um abrigo por terem sido agredidos na rua ou no seio familiar

num estado lamentável e isso é muito desumano. Muitas vezes também com ferimentos muito graves!.

6. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos vítimas de maus tratos?**

R: A sociedade em si, e o curandeiro.

7. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: Para se defender. É o medo e a pressão.

8. **Quais os principais dilemas éticos com que se depara na sua intervenção?**

R: A estimulação familiar.

9. **O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos aqui da ilha de S. Tomé?**

R: Uma intervenção do Estado. A Lei deveria punir severamente aqueles que maltratam os idosos.

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA À IRMÃ LÚCIA

PROJETO INTEGRADO PARA O DESENVOLVIMENTO DE LEMBÁ

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona, e a investigação tem como objetivo geral *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Quais as suas funções dentro da Instituição?**

R: Sou Directora Técnica do Projeto Integrado para o Desenvolvimento de Lembá.

2. **Pode descrever as principais metodologias que utiliza na sua intervenção dentro da Instituição?**

R: Trabalhamos na Educação Social, formação na parte social. Na área social também trabalhamos com os idosos. Vamos a casa dos idosos em visitas domiciliárias e levamos 150 cabazes mensalmente com produtos e o almoço todos os dias. Só no domicílio visitamos 70 idosos e no internato temos 20. O nosso trabalho é vocacionado para o empreendedorismo na área social. Apoiamos igualmente na educação e na formação técnica profissional. É muito importante irmos visitar e ver como vive o velhinho, a sua relação com a família, a sua situação de pobreza. Para os que vivem mais longe optamos por levar um cabaz mensal, mas os que estão perto do Lar vêm receber refeições quentes.

3. **Quais os principais constrangimentos com que se depara diariamente na sua intervenção?**

R: São nas necessidades que temos de ajudas**.** Neste momento a maior ajuda que recebemos vem de Portugal, mais propriamente do Ministério do Trabalho e da Segurança Social e depois temos também o Governo daqui que ajuda na medida do possível. Mas um dos maiores constrangimentos é o local onde vivem os idosos, que são de acesso muito difícil, onde as relações com a família quase não existem. Além disso, não têm qualquer poder económico, vivem na maior pobreza!

4. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: Eu vejo que há mesmo muita pobreza. O "velhinho" é posto de parte porque já não há rendimento, ele já não ajuda, pois quando deixa de produzir acabam-se as condições para poder

ajudar a família. Daí resulta que a seguir é totalmente rejeitado pela sua família para além de também ser sujeito a maus tratos. Os filhos maltratam os velhos por causa da pobreza, as famílias vivem em casa só com um ou dois quartos onde vivem todos. Por vezes na mesma casa vivem os idosos com os filhos que entretanto casam e trazem também as suas mulheres e em seguida nascem os filhos e muitas vezes até estes filhos crescem e começam também logo a ter filhos. O velhinho é posto de parte por já não dar qualquer rendimento, por já não ter condições para ajudar sendo por isso rejeitado e ficando em condições muito precárias e com maus tratos.

5. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: Na maior parte dos casos vivem no limiar da pobreza, onde tudo falta! Não têm dinheiro, não têm afectos e muitos destes idosos estão doentes. Há muitos casos de tuberculose! Se um idoso vive sozinho ninguém o ajuda, ninguém lhe dá um prato de comida, não dão mesmo nada! Isto leva-o a um estado muito débil e acaba sem quaisquer cuidados de higiene. Chega a não ter sequer acesso a água para beber!

6. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos vítimas de maus tratos?**

R: A pobreza, a falta de condições económicas, e, sabe, as famílias são muito numerosas, vivem todos juntos na mesma casa como já antes referi. Vivem os pais, os filhos e os netos, e às vezes também já os bisnetos, em péssimas condições! Há muita falta de condições habitacionais. Se pelo menos o Estado desse uma reforma aos velhinhos! Isto porque os que têm reforma é uma miséria que não chega para nada e tem de a dar para o sustento de todos!

7. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: É uma justificação. É uma forma de pressão! Porque razão é que os ricos não são chamados de feiticeiros? A verdade é que quando vivem em casas que têm boas condições ninguém os chama assim. Só os "velhinhos pobres" é que são feiticeiros! Eu penso que fazem isso para justificar o facto das famílias lhes tirarem as casas, e ao afirmarem que o velho é feiticeiro ficam justificados e bem vistos perante os outros, que reconhecem e não criticam. A verdade é que quando o idoso depois vem aqui para o Lar já não é chamado de feiticeiro.

8. **Quais os principais dilemas éticos com que se depara na sua intervenção?**

R: As pessoas idosas são abandonadas tal como fazem aos cães, aos animais. As mulheres são maltratadas em cenas macabras onde lhes chegam a introduzir paus na vagina! É terrível e arrepiante a forma como são maltratadas e abandonadas. São tratados pior que os animais! Nós

queremos ajudar e não conseguimos, imagine o que sentimos ao não poder dar mais, ao não conseguir ajudar estas pessoas. Esse é o meu maior problema, quero ajudar e não o posso fazer pois não tenho meios.

9. O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos aqui da ilha de S. Tomé?

R: Aqui era necessário existir mais centros para apoio aos idosos, com meios e condições adequadas para os poder receber. Assim, talvez deixassem de ser vistos como feiticeiros. Acredito que isto faria a diferença e estes idosos poderiam então passar a ser verdadeiramente tratados como pessoas!

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

REALIZADA A UMA PARLAMENTAR DA REDE DE MULHERES PARLAMENTARES

Esta Entrevista é realizada no âmbito do mestrado em Riscos e Violência(s) nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, do Instituto de Serviço Social da Universidade Lusófona. A investigação tem como objetivo *"Identificar e caracterizar as principais causas que podem potenciar os maus tratos aos idosos na ilha de São Tomé".* Agradeço a sua contribuição para o estudo que está a ser realizado, garantindo que todas as respostas são confidenciais.

QUESTÕES

1. **Em sua opinião, quais os motivos que levam alguém a maltratar um idoso?**

R: Na minha opinião em momento algum se devia maltratar os idosos pois são eles que cuidaram de nós e orientaram a juventude para os homens e mulheres que são hoje. Os maus tratos não são só os físicos ou psicológicos, eu considero também maus tratos a não higienização do idoso, a falta de alimentação, etc.

2. **Será que consegue identificar sinais que indiquem que um idoso está a ser vítima de maus tratos?**

R: Às vezes é difícil identificar os sinais de maus tratos porque os próprios idosos têm receio de contar às pessoas que são vítimas de maus tratos com medo de represálias, isto quando é no seio familiar e infelizmente tem sido bastante frequente. Entretanto quando é público às vezes chega ao extremo pois são considerados e chamados de feiticeiros e os vizinhos ou moradores da comunidade onde vive o idoso acham que o mesmo(a) deve ser linchado. E esse linchamento é mais frequente contra as mulheres idosas.

3. **Em sua opinião, existem características que são comuns aos idosos que são vítimas de maus tratos?**

R: A pobreza extrema, o uso da força física, as agressões verbais, o isolamento, o abandono pelos filhos, a falta de alimentos e cuidados básicos de higienização, incluindo também a violação e o abuso sexual.

4. **Como define maus tratos contra idosos?**

R: Posso definir maus tratos contra os idosos desde o isolamento, falta de assistência por parte dos familiares, falta de cuidados (ausência de alimentação), a violência verbal e a violência física.

5. **O que lhe parece que leva os idosos a acreditarem que são feiticeiros?**

R: Não sei se eles acreditam que são feiticeiros! Mas ligo esta questão à pobreza extrema em que eles se veem mergulhados, acrescidos à perda de memória comum com a idade, a busca de afectos que os leva a querer estar sempre por perto, principalmente das crianças.

6. **Há quanto tempo se encontra a exercer funções como Parlamentar?**

R: Esta é a segunda vez em que exerço funções como parlamentar. A primeira vez foi em 2006 e agora esta legislatura começou em 2018.

7. **E durante este tempo chegou ao seu conhecimento algum caso de maus tratos a idosos aqui da ilha de São Tomé?**

R: Infelizmente tive conhecimento de vários casos de maus tratos e inclusive de abuso sexual das idosas. Encetámos contactos com as instituições ligadas à protecção social para reforçar as suas actividades no terreno com o intuito de seguir estes casos e prevenir para que cassos desses não se repitam.

8. **O que desejaria que fosse feito em favor dos idosos da ilha de São Tomé?**

R: Acho que se devem criar mais centros de acolhimento de idosos, com maior intervenção do Estado mas abrindo também possibilidade à criação de casas de acolhimento de idosos ao sector privado. Isso poderia vir a ajudar na redução de práticas de abusos, de violação, de maus tratos e exclusão dos idosos. Por outro lado, devemos intensificar as actividades de protecção, endurecendo as penalizações sobre os praticantes dos maus tratos contra os idosos

Obrigada pela sua participação

A mestranda de Serviço Social,

Paula Deus

Data: Julho de 2020